

Construindo um laboratório de cultura democrática

*Narrativas sobre convívio, formação
e eficácia cidadã em Curitiba*



Sumário

03

**Sobre mapas
sistêmicos**

04

**Convívio,
formação
e eficácia
cidadã**

08

Conviver

12

Formar

15

Protagonizar

18

**A mudança
já começou**

22

**Anexo:
Narrativas
de ciclos
do Mapa de
Curitiba**

Sobre mapas sistêmicos

Mapas sistêmicos ilustram dinâmicas complexas presentes em nossa sociedade. Por isso, são úteis para compreender o tema trabalhado nas oficinas: a construção de confiança e a colaboração em Curitiba.

Nas páginas a seguir, você terá acesso a mapas sistêmicos da cidade de Curitiba, desenvolvidos com base nas oficinas do Programa Cidade Modelo. Mapas sistêmicos são compostos por diversos elementos que apresentam conexões entre si e, assim, formam ciclos. Os ciclos, por sua vez, estabelecem dinâmicas que tendem à autoperpetuação. Essas dinâmicas podem estimular ou inibir certos fatores sociais e culturais que observamos em nossa comunidade. Para ilustrar as conexões, utilizamos linhas contínuas e linhas tracejadas. Enquanto as linhas contínuas representam relações diretamente proporcionais entre os elementos, as conexões tracejadas ilustram relações inversamente proporcionais.

Mapas sistêmicos buscam capturar a complexidade da realidade, por meio de uma análise holística que engloba variáveis políticas, socioeconômicas e culturais, entre tantas outras. Dado que o cenário curitibano de confiança e colaboração é composto por dinâmicas em constante evolução, a compreensão desse contexto requer uma visão abrangente dessas dinâmicas.

Convívio, formação e eficácia cidadã

Fortalecendo a colaboração e a construção de confiança em Curitiba.

O que favorece a construção da confiança e a colaboração entre as pessoas da cidade de Curitiba? E o que dificulta esses processos? Entre os dias 16 e 23 de abril de 2019, cerca de setenta lideranças da cidade de Curitiba dialogaram para responder a essas perguntas, por meio de um exercício de reflexão conjunta e colaborativa.

Durante as oficinas, lideranças de diferentes regiões de Curitiba vivenciaram uma rica oportunidade de diálogo e compartilhamento de experiências. Ao longo desse processo, foram identificadas três principais perspectivas - **o Convívio, a Formação e a Eficácia Cidadã** -, as quais estão inter-relacionadas e possibilitam uma compreensão mais ampla sobre a confiança e a colaboração em nossa cidade.



Oficina no Instituto Atuação - 16/04/2019



Oficina na Badu Design - 18/04/2019



Oficina na Universidade Positivo - 23/04/2019

Em resumo, os participantes das oficinas destacaram três fatores importantes relacionados a essas perspectivas: (1) uma reduzida interação entre membros da comunidade com vivências diversas; (2) uma carência na formação sobre valores e práticas de cidadania; (3) a falta de consciência na capacidade individual para tornar a sociedade melhor. Segundo as lideranças, o aumento do uso dos espaços públicos da cidade para o convívio entre diferentes comunidades permitiria que as pessoas aprendessem, na prática, os valores e a arte de colaborar. Esse convívio seria essencial para a formação dos cidadãos, a qual contempla não apenas a educação formal escolar, mas, também, outras vivências em comunidade. Assim, ao desenvolver valores e práticas cidadãs, os indivíduos despertariam sua consciência para a própria capacidade de gerar impactos sociais. Passemos, agora, a uma

breve apresentação das três perspectivas, as quais serão aprofundadas nas seções seguintes.

A primeira perspectiva, o Convívio, afirma a importância da convivência entre pessoas com diferentes opiniões e experiências de vida para a geração de confiança e de colaboração comunitária. Ao possibilitar o compartilhamento de variadas perspectivas de mundo, **o diálogo tolerante e respeitoso em ambientes de diversidade contribui para fortalecer o tecido social da cidade,** haja vista que enfraquece a formação de estereótipos negativos e amplia as possibilidades de cooperação. Na atualidade, no entanto, os participantes das oficinas destacaram a pouca utilização de espaços de convívio na cidade para estimular o diálogo entre pessoas com diferentes formações e vivências, o que enfraquece a colaboração e a construção de confiança.



- *Temas principais das oficinas*
- *Fatores*
- *Dimensões Centrais*
- Relação inversamente proporcional*
- Relação diretamente proporcional*

A segunda perspectiva, a **Formação**, abrange os valores e os conhecimentos necessários para **viabilizar tanto o desenvolvimento individual quanto uma vida comunitária ativa**. A formação engloba as dimensões tanto formal, presente nos contextos escolares, quanto informal, existente no ambiente escolar e nos demais contextos sociais. Ambas as dimensões incluem valores e conhecimentos que viabilizam o convívio em sociedade. No que se refere à formação de valores, os participantes da oficina destacaram a importância da tolerância, do respeito, da honestidade, da solidariedade e da abertura ao diálogo para o fortalecimento da confiança interpessoal e da vida em comunidade.

Enquanto o convívio na diversidade foi identificado como um terreno fértil para a transmissão

desses valores, a educação formal dos cidadãos para a vida na democracia foi destacada, também, como meio fundamental para seu incentivo. Segundo os participantes, a educação formal deve incluir tanto incentivos ao engajamento na vida comunitária quanto o conhecimento mais amplo das estruturas institucionais e legais que orientam a política contemporânea. Nesse sentido, os participantes das oficinas observaram que, na atualidade, a formação dos cidadãos de Curitiba apresenta lacunas em termos do cultivo do diálogo, da cooperação e do conhecimento político. Assim, o aprimoramento dessa formação revela-se fundamental para o aumento da confiança e da colaboração em Curitiba.

A despeito dessas análises, as lideranças avaliaram que existe, na atualidade, pouco espaço



para o desenvolvimento desses valores e conhecimentos. Isso afeta diretamente a **terceira perspectiva: a Eficácia Cidadã**. A eficácia cidadã está relacionada tanto à **conscientização de cada cidadão sobre seu potencial** quanto à **crença no valor desse potencial para viabilizar realizações pessoais e coletivas**. Essa sensação de eficácia promove a responsabilidade cívica, que gera nos cidadãos o sentimento de dever de agir em prol da coletividade.

A eficácia não existe isoladamente, haja vista que está associada à formação. Com uma formação adequada, viabilizam-se tanto o aprimoramento das competências individuais quanto a identificação de contextos propícios para o florescimento dessas competências. Sendo assim, o aumento da eficácia cidadã contribui para o fortalecimento de lideranças sociais, as quais são destacadas como centrais para a construção de ambientes pautados pela confiança e pela colaboração. Além dis-

so, o sentimento de eficácia aprimora o convívio em sociedade, pois pessoas que acreditam na importância de seu papel cívico agem proativamente para a busca de melhorias comunitárias. Apesar disso, diversos participantes das oficinas relataram que é frequente, na cidade, um sentimento de impotência individual. Esse sentimento refere-se à percepção de que as ações individuais têm pouco impacto na sociedade. Ao desencorajar a ação individual, a sensação de impotência limita a colaboração na cidade.

As análises dos participantes da oficina permitiram a formação de ciclos que relacionam **Convívio, Formação e Eficácia Cidadã**, de maneira a evidenciar as relações que inibem e que facilitam a construção de confiança e a colaboração na cidade. As três seções subsequentes aprofundam as ideias que foram trabalhadas pelas lideranças de Curitiba e contribuem para lançar um novo olhar sobre o debate ora proposto.



Conviver

A importância do convívio com base no diálogo e no respeito à diversidade.

Durante as oficinas, um aspecto central ressaltado pelos participantes foi a importância de espaços de convívio na sociedade que permitam o diálogo com pessoas de diferentes formações e visões de mundo, de forma tolerante e respeitosa. Segundo os participantes, embora haja espaços públicos na cidade, esses poderiam ser mais utilizados para a interação entre pessoas com diferentes experiências de vida.

Nas oficinas, o Programa Cidade Modelo foi mencionado para ilustrar a importância desses espaços de convívio. De fato, segundo os participantes, o engajamento nas oficinas revelou-se uma rica experiência em termos de aprendizado sobre a confiança e a colaboração, uma vez que agregou pessoas com diferentes histórias e perspectivas de vida.

A ocorrência dessa forma de convívio fortalece um sentimento de pertencimento nos indivíduos com relação ao seu entorno social, pois possibilita a interação entre pessoas com histórias de vida diferentes e o estabelecimento de vínculos interpessoais. Esse sentimento de pertencimento possibilita a identificação de propósitos e de crenças em comum, pois mesmo pessoas que tenham opiniões distintas entre si podem encontrar oportunidades de cooperação e, dessa forma, trabalhar juntas

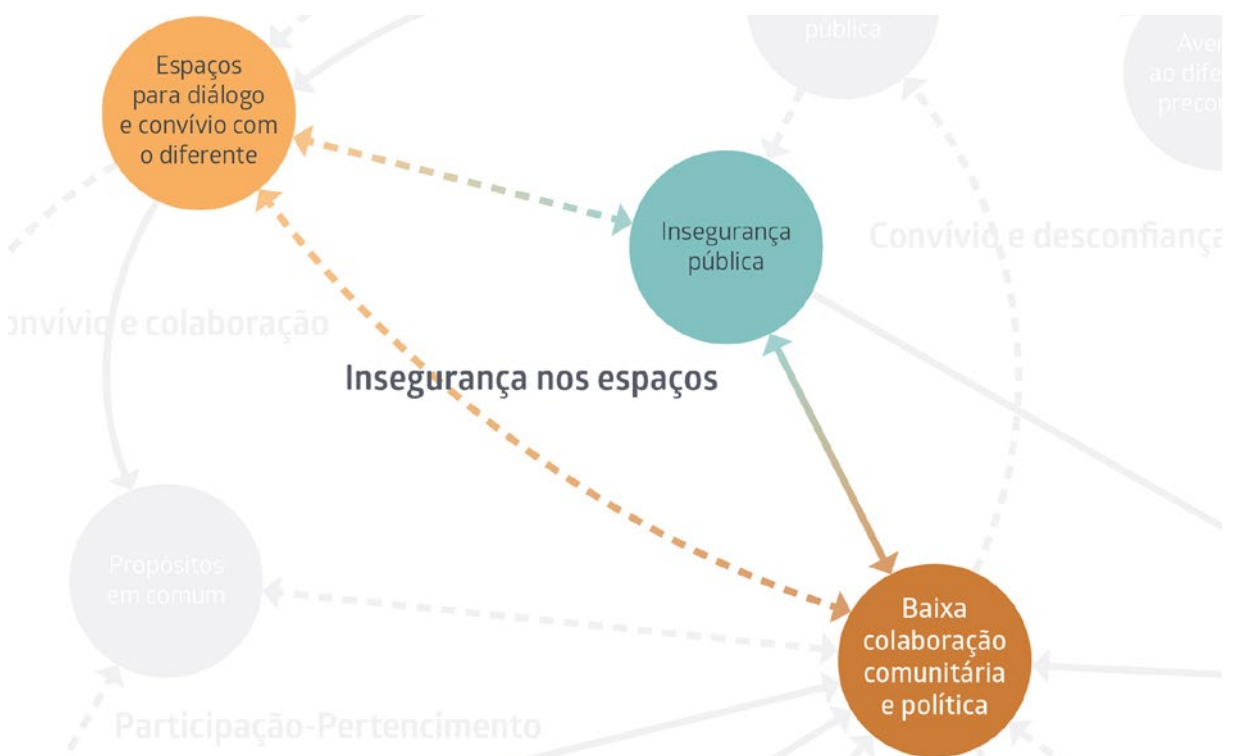
por objetivos comuns. **Ao encontrar pontos de convergência, as pessoas aprendem que a vivência comunitária é valiosa por permitir não apenas o alcance de objetivos pontuais, mas, também, ganhos estruturais no longo prazo. Assim, o convívio com pessoas de formações distintas favorece a participação social na vida comunitária e política.**

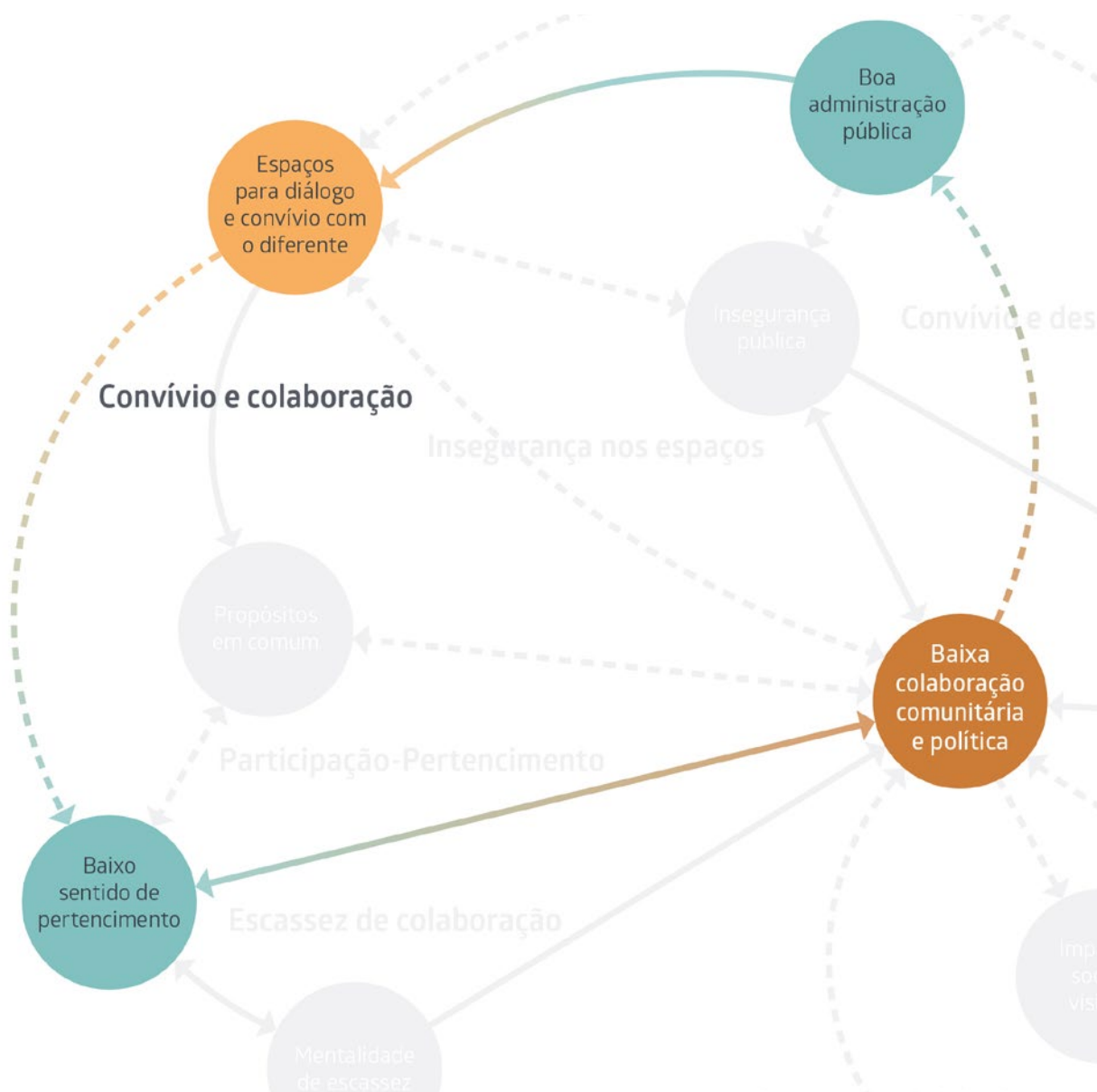
Na oficina, contudo, destacou-se que o baixo uso de espaços de convívio entre pessoas com formações e origens diversas dificulta o sentimento de pertencimento dos cidadãos na cidade. Carentes desses momentos de identificação de sinergias, as pessoas de Curitiba perdem oportunidades de trabalhar coletivamente nos desafios da cidade. Com isso, o tecido social da cidade, que seria beneficiado com a união das pessoas em prol de objetivos compartilhados, torna-se enfraquecido.



Essa baixa participação na vida comunitária reflete-se, também, na administração pública da cidade, na medida em que cidadãos menos engajados em suas comunidades tendem a se distanciar da vida política de seu município. **Esse processo de afastamento faz com que as pessoas da cidade passem a ter menos trocas com os**

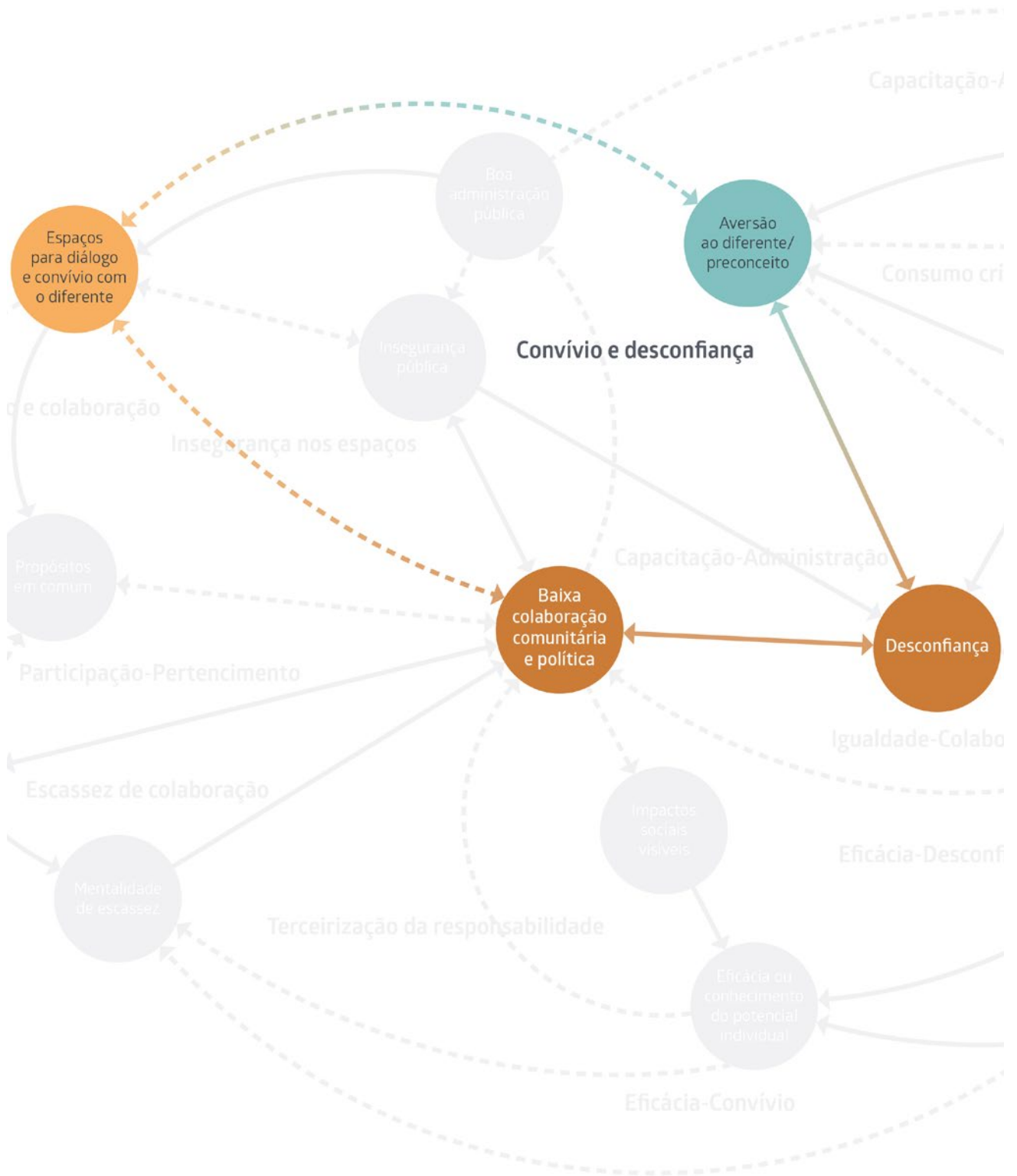
governos locais, no sentido de demandar melhorias e de fiscalizar a prestação de serviços públicos. Nesse contexto, a segurança pública, que é imprescindível para viabilizar o acesso a espaços de convívio, enfraquece-se, na medida em se torna fragilizada a interação com seu principal referencial: a coletividade.





Como resultado dessa carência de convívio, muitos participantes apontaram que é frequente, na cidade, a criação de estereótipos negativos com relação a comunidades e a pessoas com as quais há menor contato. Nesse contexto, apontou-se que existe, entre alguns indivíduos e grupos sociais, preconceitos com pessoas de diferentes perfis socioeconômicos, étnicos e culturais. Ao obstaculizar o convívio em comunidade, o preconceito causa graves danos individuais e coletivos, haja vista que im-

pede a igualdade de oportunidades na sociedade, a proteção das liberdades individuais e a dignidade humana. O preconceito contribui, dessa forma, para aumentar a desconfiança interpessoal, o que obstrui o florescimento da cultura de colaboração. Assim, **o diálogo respeitoso e tolerante em contextos de diversidade foi identificado como um meio fundamental para minar as bases do preconceito, de modo a fomentar a confiança e a colaboração entre os habitantes da cidade.**



Formar

A centralidade da formação dos cidadãos para o fortalecimento da convivência em sociedade.

Durante as oficinas, os participantes enfatizaram a importância da educação, em suas dimensões formal e informal, para o engajamento na vida comunitária e política. A dimensão formal da educação compreende o ensino de parâmetros essenciais para a vida em sociedade, como, por exemplo, o aprendizado sobre as estruturas e dinâmicas de governo e o conhecimento dos direitos e deveres dos cidadãos previstos nas leis e na Constituição Federal. Na dimensão informal da educação, diversos participantes da oficina apontaram a importância da transmissão de valores como o respeito, a tolerância, a solidariedade e a confiança. A transmissão desses valores pode ocorrer tanto em contextos familiares quanto nas demais interações interpessoais presentes em espaços de convívio da cidade, como, por exemplo, nas escolas, nas associações comunitárias e nos transportes públicos, entre outros.

Assim, enquanto a educação formal possibilita o aprofundamento da compreensão sobre as estruturas institucionais e legais que organizam a vida social, a educação informal, transmitida no convívio diário, exerce, também, um papel fundamental para que as pessoas tenham interesse no engajamento com suas comunidades.

De fato, os participantes destacaram quatro mecanismos que conectam a educação formal e informal à participação social. Nesse sentido, a formação contribui para (1) favorecer a igualdade de oportunidades; (2) reduzir a criação de estereótipos negativos entre as pessoas da cidade; (3) incentivar o desenvolvimento de lideranças sociais inspiradoras; e (4) possibilitar a compreensão da realidade contemporânea, a qual foi

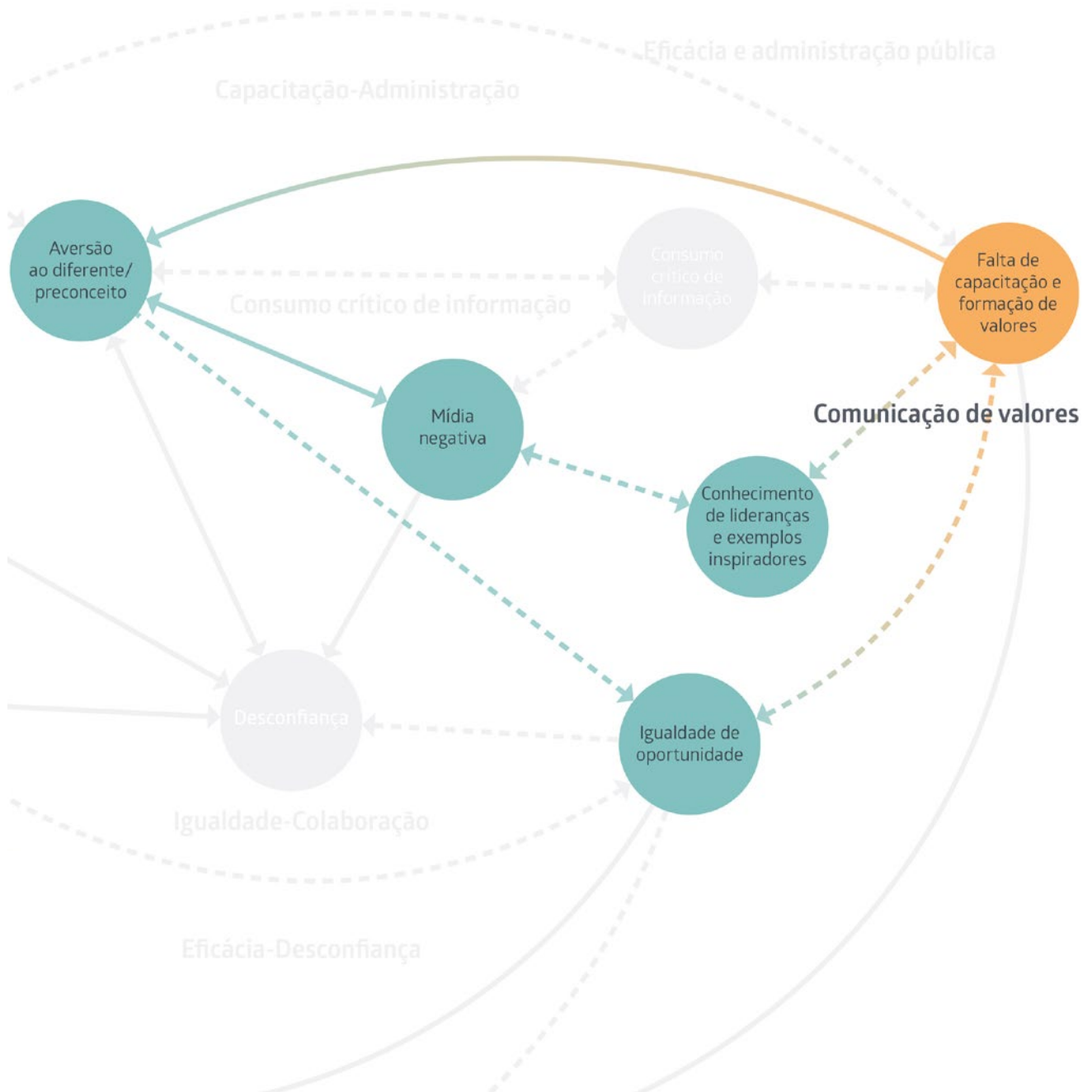
caracterizada como a era da “hiperinformação”, dado o volume de informações existente na atualidade e a velocidade de sua disseminação.

No primeiro mecanismo, a formação dos cidadãos está diretamente relacionada ao fomento da igualdade social. De fato, a ampliação do acesso a recursos de conhecimento foi apontada como meio fundamental para que os habitantes da cidade possam ter melhores oportunidades de crescimento pessoal e profissional, de forma a propiciar a melhoria de sua qualidade de vida.

No segundo mecanismo, destacou-se que a formação educacional e de valores contribui para reduzir o desenvolvimento de estereótipos negativos na sociedade, dado que a educação pro-

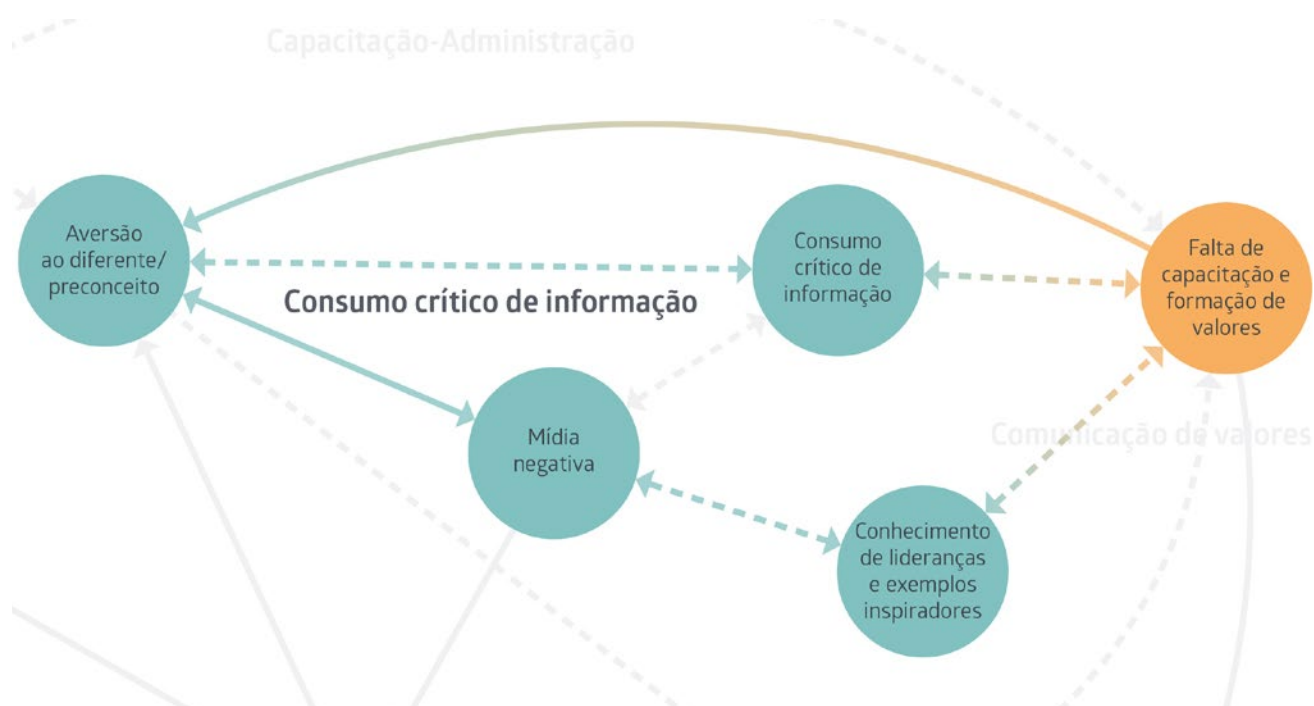
propicia mais conhecimento e diálogo sobre realidades sociais diversas. **Ao facilitar o diálogo entre as pessoas, a dimensão formativa fortalece a participação social, pois propicia condições favoráveis para que as interações sociais ocorram em um ambiente de respeito, de tolerância e de solidariedade.**

No terceiro mecanismo, o reforço na formação dos habitantes da cidade permite que o surgimento de lideranças sociais seja potencializado. A educação formal e de valores favorece que mais pessoas da comunidade despertem como líderes locais e possam, dessa forma, fazer a diferença na vida de outras pessoas.



No quarto mecanismo, **o déficit educacional e formativo dificulta o consumo crítico da informação**, o qual é necessário para que as pessoas possam compreender a realidade na era da hiperinformação. Destacou-se, na oficina, a

importância de compreendermos as diferentes fontes de informação e análises que recebemos diariamente, de maneira a avaliarmos corretamente a veracidade e a relevância das análises que acessamos na mídia.



Apesar disso, os participantes destacaram que existem, na cidade, carências importantes quanto a essa formação educacional e de valores. Embora Curitiba tenha níveis educacionais relativamente melhores do que outras cidades do país¹, a carência educacional prejudica o diálogo entre pessoas de formações sociais, econômicas e culturais diversas. De fato, a falta de formação educacional e de valores foi identificada como uma das causas para a existência do

preconceito, o qual está diretamente associado à formação de estereótipos negativos e ao sentimento de aversão ao diferente. Dessa forma, as carências formativas configuram obstáculos na geração de igualdade de oportunidade na cidade, na medida em que as deficiências na formação formal e valorativa e o distanciamento social causado pelo preconceito impõem graves obstáculos para que as pessoas desenvolvam, de maneira plena, suas potencialidades.

1. Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, 2010.

Protagonizar

A importância de conhecer o próprio potencial para possibilitar mudanças individuais e coletivas.

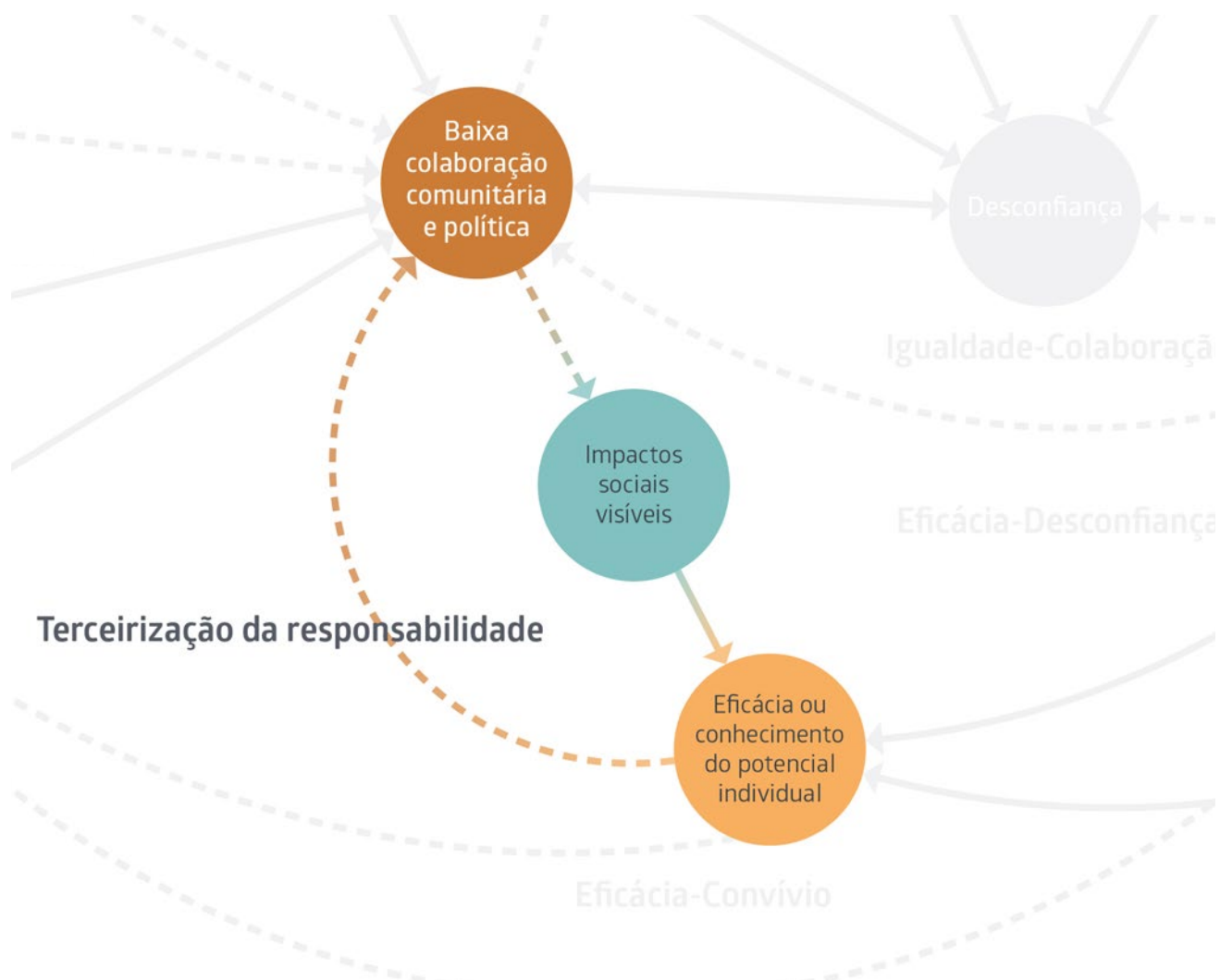
Entre os fatores destacados como relevantes para fomentar a colaboração e a confiança em Curitiba, destacou-se, nas oficinas, a importância de os indivíduos conhecerem seu próprio potencial. **O conhecimento do potencial individual está relacionado tanto à consciência das próprias competências individuais quanto à confiança no uso dessas capacidades para possibilitar mudanças positivas nas esferas individual e coletiva.**

De acordo com os participantes, esse conhecimento se revela fundamental para promover tanto a melhoria da qualidade de vida dos indivíduos quanto o engajamento das pessoas na vida comunitária. De fato, no plano individual, essa forma de autoconhecimento possibilita que as pessoas possam realizar seus potenciais, pois se tornam mais aptas a expressarem livremente suas diversas aptidões. No plano coletivo, o conhecimento do potencial individual faz com que as pessoas acreditem no poder de suas iniciativas para a promoção de mudanças sociais. Assim, ao facilitar a expressão individual, a consciência do próprio potencial favorece a identificação de propósitos comuns e estimula a participação social.

A participação social foi identificada como meio essencial para viabilizar mudanças sociais estruturais, pois ela possibilita o empoderamento dos cidadãos e favorece o alinhamento das políticas públicas às necessidades da sociedade local. A despeito disso, afirmou-se, nas oficinas, que o desconhecimento do potencial individual consti-

tui um importante obstáculo para o fomento da colaboração e da confiança em Curitiba. Os participantes avaliaram que uma das razões para esse desconhecimento é o déficit na formação educacional e valorativa em parcelas dos habitantes da cidade, já explorado no subitem “Formar”.

Esse déficit prejudica o conhecimento do potencial individual de cada cidadão, pois dificulta a identificação de melhorias individuais e coletivas. Isso gera um sentimento de impotência quanto ao próprio papel para promover a mudança social, o que se materializa na “terceirização de responsabilidades”: ao subutilizarmos nossa capacidade para promover melhorias em nossas vidas e em nosso entorno social, tendemos a atribuir a responsabilidade por nossas mazelas individuais e coletivas a terceiros partes, como, por exemplo, a familiares e à classe política. Essa terceirização das responsabilidades apresenta diversas consequências prejudiciais para a vida em comunidade, entre as quais foram destacadas o fomento da desconfiança interpessoal e o fortalecimento do individualismo.



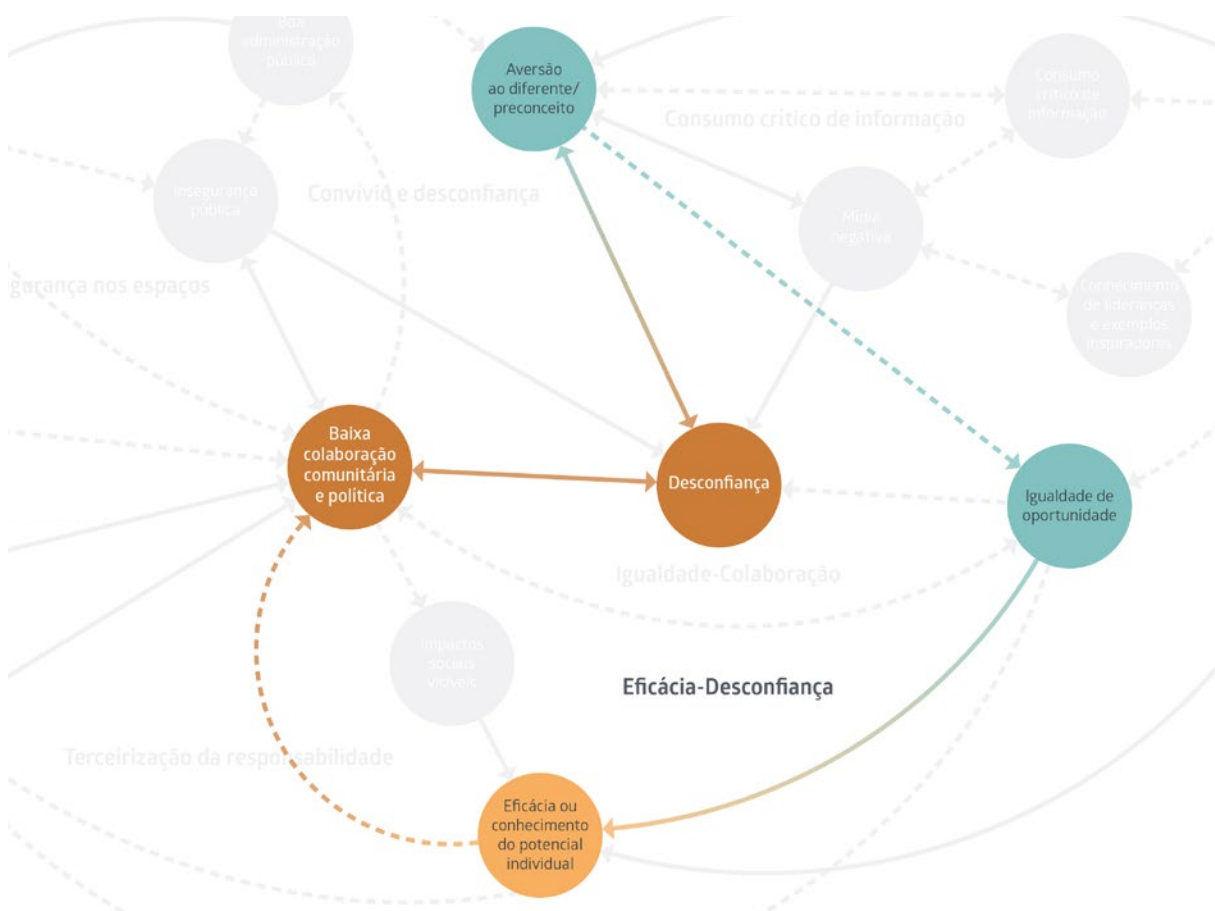
A terceirização de responsabilidades gera um menor engajamento na vida comunitária e política, pois passamos a acreditar que a responsabilidade para a solução de problemas deve ser atribuída a outras pessoas. Em decorrência desse processo, fomenta-se a desconfiança interpessoal, pois “o outro” se torna, com frequência, o único culpado pelos problemas que enfrentamos em nossas vidas diárias. Com o aumento da desconfiança interpessoal, os participantes destacaram a redução da cultura de colaboração e o aumento do preconceito, fenômenos que, conforme destacamos, constituem sérios obstáculos à cooperação na comunidade.

Além disso, o sentimento de terceirização de responsabilidades contribui para ampliar o individualismo, o que prejudica a cultura de colaboração na cidade. Enfraquece-se o sentimento de pertencimento social, pois os cidadãos passam a sentir menor identificação com relação a seu entorno social. Dessa forma, ao dificultar a identificação de propósitos em comum, a terceirização das responsabilidades contribui para reduzir a participação cidadã na busca de soluções para desafios coletivos.

A participação ativa dos cidadãos em seus entornos sociais pode ser entendida como um

fenômeno que tanto é favorecido pelo conhecimento das potencialidades individuais quanto, também, propicia esse autoconhecimento. **Assim, ao recusar a postura da “terceirização das**

responsabilidades”, os cidadãos podem exercer um papel ativo no enfrentamento de seus problemas, o que favorece a colaboração social e o fortalecimento da formação dos indivíduos.



Em suma, as três perspectivas indicam que a construção de confiança e a colaboração em Curitiba apresentam dinâmicas complexas e inter-relacionadas, as quais abrangem, simultaneamente, as esferas individual e coletiva. Ao mesmo tempo em que o convívio na diversidade favorece a compreensão interpessoal e permite a transmissão de valores como tolerância e respeito, esses valores não podem ser compreendidos sem uma reflexão aprofundada sobre a formação dos cidadãos, inclusive em termos de sua educação formal. A convivência

na diversidade e a formação individual revelam-se centrais para o florescimento do potencial dos cidadãos. Esse florescimento pressupõe a conscientização das pessoas tanto sobre suas potencialidades individuais quanto sobre sua capacidade para a promoção da mudança social. Assim, verifica-se que o diálogo sobre confiança e colaboração na cidade possibilitou a identificação de uma pluralidade de formas de promover a transformação social, a qual, conforme veremos na próxima seção, já foi iniciada na cidade de Curitiba.

A mudança já começou

Ações em Curitiba para o florescimento do convívio, da formação e da eficácia cidadã.

Ainda que os participantes das oficinas tenham apontado diversas dinâmicas que impactam negativamente a construção de confiança e a colaboração em Curitiba, as experiências dessas lideranças da cidade apontam caminhos promissores para sua transformação. Entre essas experiências, podemos citar, por exemplo, a Badu Design, um negócio social que une as dimensões do convívio, da formação e da eficácia cidadã ao “reconectar as pessoas por meio da arte e do *design*”. Além disso, a cidade conta com diversas outras iniciativas que também conectam pessoas por meio da sustentabilidade e, assim, também trabalham as três dimensões destacadas, a exemplo da Horta Urbana Monteiro Lobato, no bairro do Tatuquara, e da iniciativa de Agroecologia Urbana presente no Terraço Verde, no bairro Hugo Lange. Ainda na Regional do Tatuquara, é possível destacar o Troféu Vitorino Xavier, que busca premiar as melhores lideranças sociais presentes nessa comunidade.



Badu Design



Horta Urbana Monteiro Lobato

No âmbito da formação, destaca-se a iniciativa do Colégio Senhora de Fátima, no bairro do Xaxim, que enfatiza o trabalho em equipe e estimula debates para potencializar a formação de

seus alunos. Nesse mesmo sentido, o Instituto GRPCOM desenvolveu o projeto “Ler e Pensar”, que engaja estudantes no diálogo e na reflexão sobre notícias veiculadas na mídia.

No âmbito da inovação, o Projeto Vale do Pinhão une empreendedores e o governo para o desenvolvimento de cidades inteligentes, as quais, segundo esse projeto, são capazes de promover tanto o desenvolvimento econômico quanto a qualidade de vida de seus cidadãos. Por fim, é importante mencionar o Projeto Curitiba 2035, que engaja atores da sociedade civil para o delineamento de diretrizes para guiar o desenvolvimento da cidade em um horizonte de vinte anos.

Esses são apenas alguns exemplos que contribuem diretamente para fortalecer o tecido social da cidade, na medida em que reforçam a colaboração e a construção da confiança por meio de ações voltadas à melhoria do convívio, da formação e da eficácia cidadã em Curitiba. Assim, ainda que a baixa confiança e os baixos níveis de colaboração em Curitiba tenham sido identificados e problematizados no contexto das oficinas, as iniciativas mencionadas evidenciam que o convívio, a formação e a eficácia cidadã podem contribuir para a mudança das dinâmicas sociais em Curitiba.



Curitiba 2035 - Agência FIEP

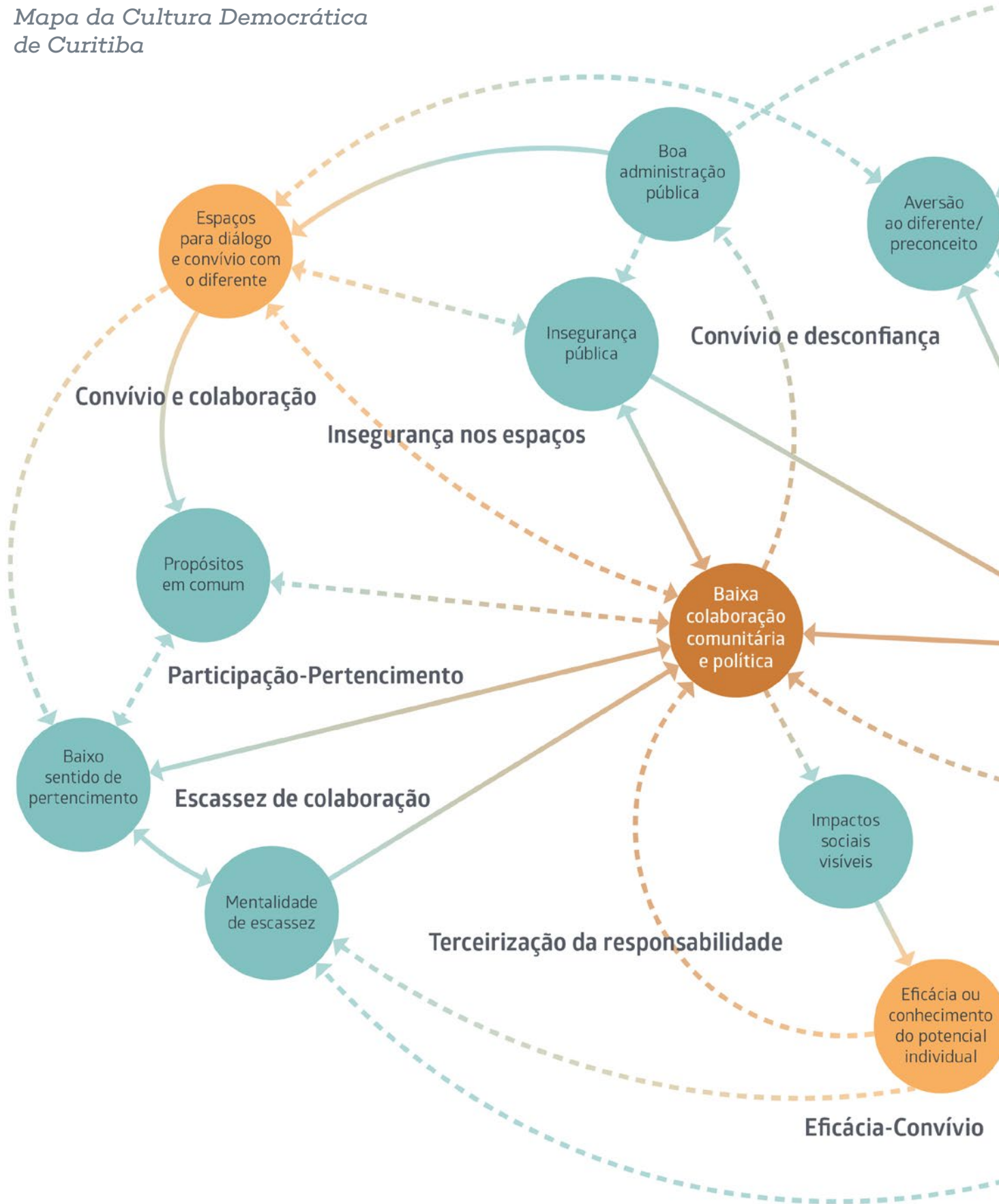


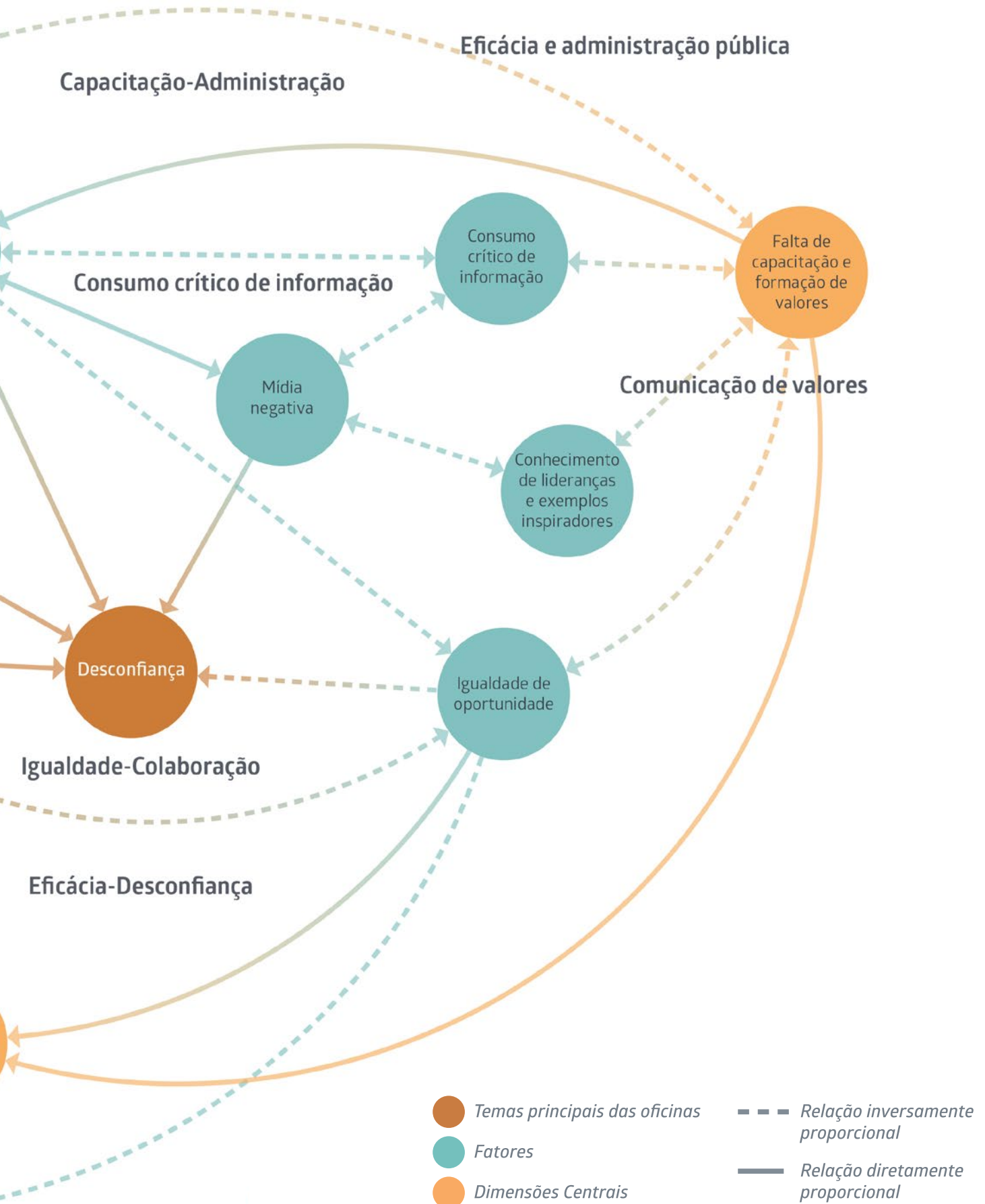
Projeto Ler e Pensar

Referências

ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL, 2010. Perfil de Curitiba-PR. Disponível em: http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/curitiba_pr. Acesso em 14 de maio de 2019.

Mapa da Cultura Democrática de Curitiba





Anexo: Narrativas de ciclos do Mapa de Curitiba

Ciclo da Eficácia e Administração Pública

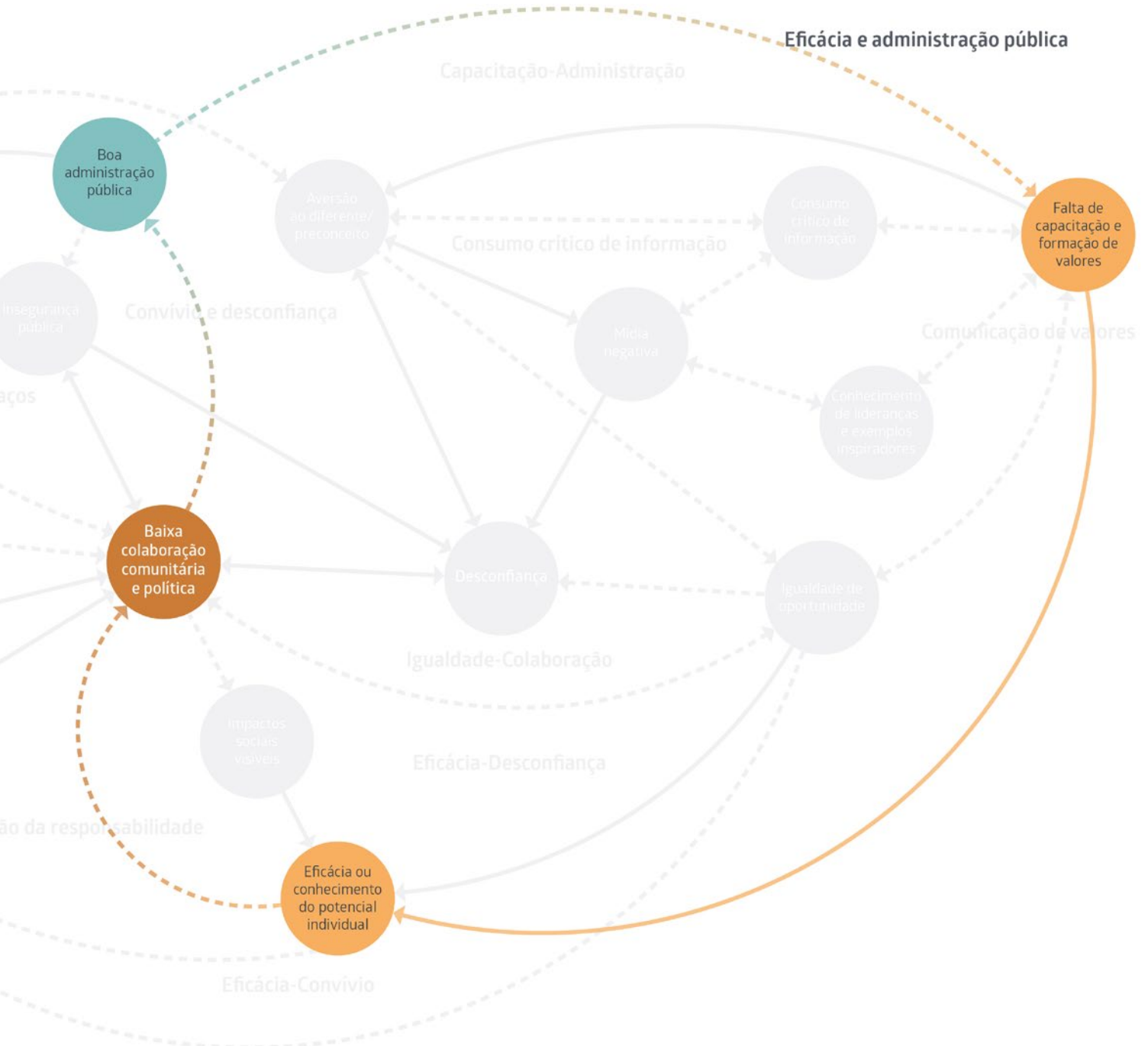
O conceito de eficácia refere-se à percepção individual da capacidade de atingir objetivos pessoais. Assim, ele é sinônimo do conhecimento do potencial individual de cada um. A eficácia individual é um tema da psicologia (Bandura, 1994) que também é tratado na política por Pateman (1970). Nesse contexto, a eficácia captura a crença ou a percepção individual de que se pode afetar o sistema político. Assim, o sentimento de eficácia aumenta os níveis de colaboração política e comunitária, uma vez que, ao nos sentirmos capazes de impactar o sistema político, temos maior vontade de participar desse sistema.

A colaboração comunitária e política é diretamente proporcional à qualidade da administração pública: o aumento da colaboração tende a gerar maior fiscalização cidadã, o que pressiona o governo a ser mais responsivo, representativo e eficiente. A boa administração pública contribui diretamente para a qualidade da capacitação e da formação de valores dos cidadãos: um governo eficiente direciona fundos à educação e se certifica de providenciar uma formação adequada a todos. A formação de valores como a tolerância, a responsabilidade cívica, o comprometimento com a democracia e o protagonismo social, contribuem para fortalecer o sentimento de eficácia.



Assim, o sentimento de eficácia é o elemento chave para direcionar o ciclo, que pode ser tanto virtuoso como vicioso: na presença da eficácia individual, ele desencadeia uma série de processos positivos para a democracia e para a vida cívica, tornando-se um ciclo virtuoso. Já na

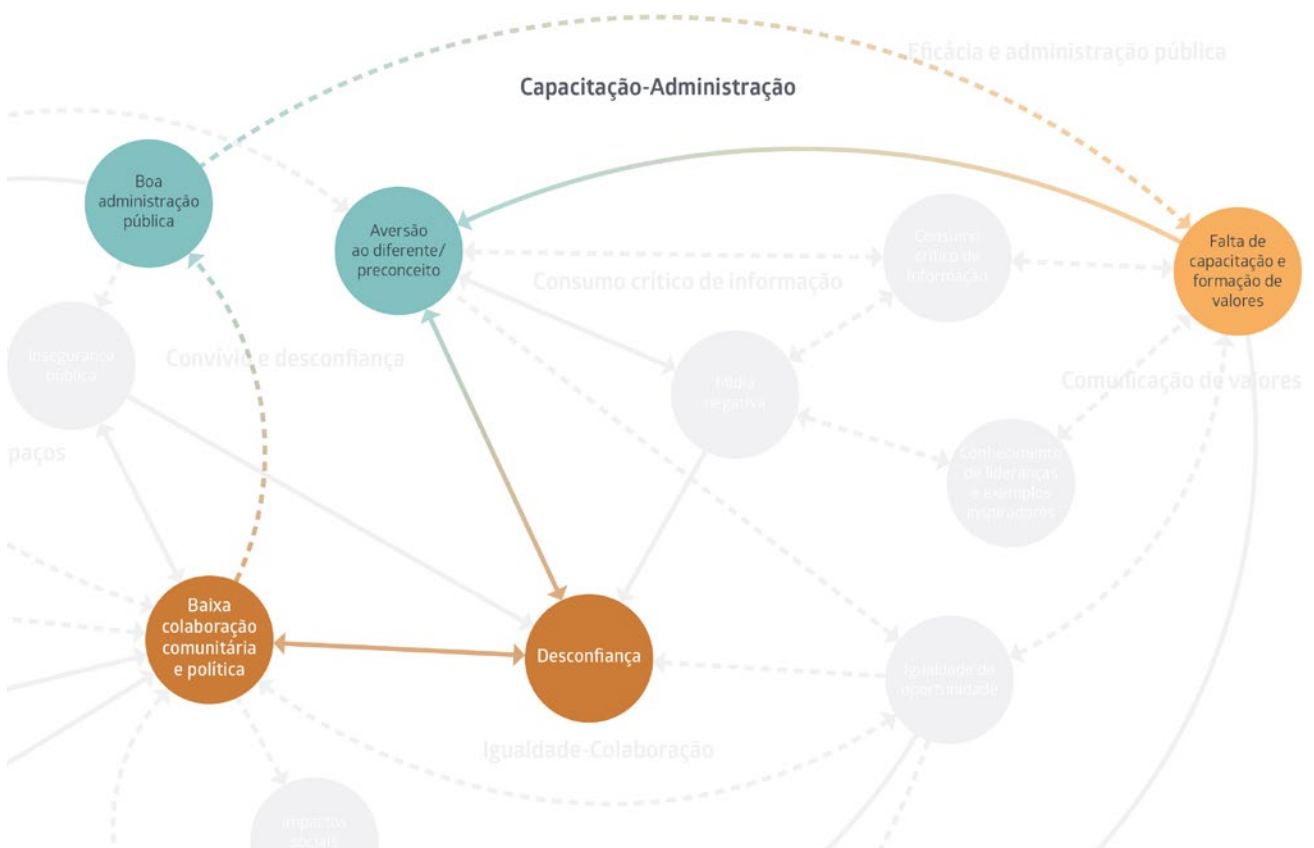
ausência de eficácia, ou em circunstâncias que alimentam a sensação de impotência perante os problemas políticos e sociais, o ciclo tende a produzir baixa participação política. Assim, forma-se um processo vicioso no qual a baixa eficácia dificulta a capacitação e a formação de valores.



Ciclo da Capacitação-Administração

O ciclo da Capacitação-Administração ilustra a relação entre a baixa colaboração comunitária e política e a administração pública: a baixa participação política tende a diminuir os níveis de fiscalização cidadã (Delli Carpini & Keeter, 1996; Galston, 2001), o que torna o governo local menos eficiente, transparente e bem-administrado. Uma administração pública menos eficiente contribui para enfraquecer a capacitação e a formação de valores, uma vez que não se dedica verbas e atenção necessária para a educação pública. A falta de formação de valores democráticos tende a favorecer a formação de sentimentos de aversão às diferenças e de preconceito. Esses fatores aumentam a desconfiança interpessoal generalizada (Uslaner, 2008), o que contribui para reduzir a colabo-

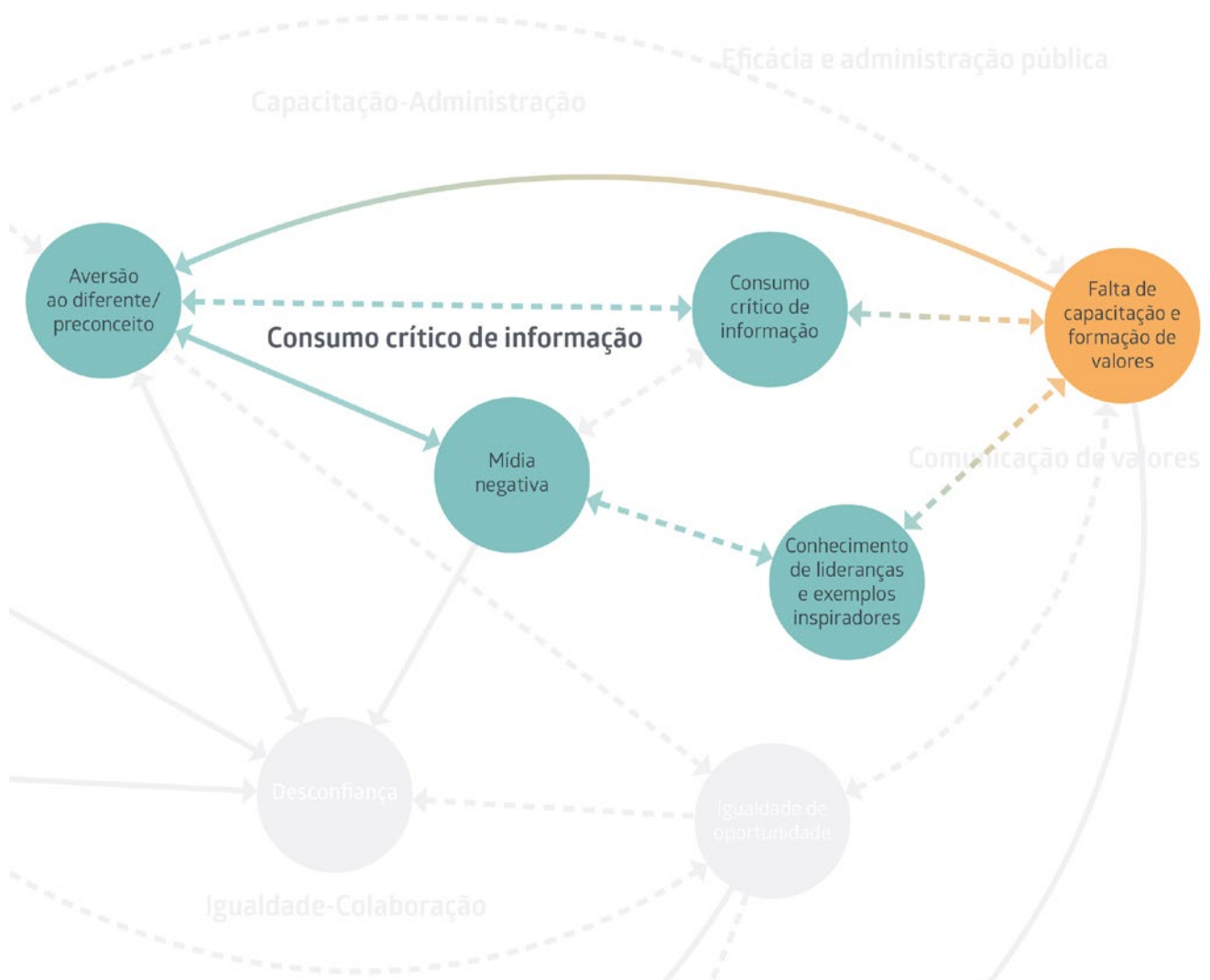
ração. A relação entre a confiança e a colaboração revela-se central para nosso mapa e é explicitada na literatura sobre o capital social. O capital social refere-se à capacidade de socialização construtiva para resolver problemas coletivos (Ostrom, 2007) e é composto por dois principais componentes: a confiança social e a existência de redes associativas entre pessoas (Putnam, 1993). Assim, a relação entre a colaboração entre pessoas (o capital social) e a confiança é uma de mútuo reforço: assim como a confiança gera colaboração, a colaboração também produz confiança. Ao mesmo tempo, a ausência de confiança tende a diminuir a colaboração, e a falta de colaboração dificulta a criação de oportunidades para a construção de confiança.



Ciclo do Consumo Crítico de Informação

Por consumo crítico de informação, entende-se a habilidade cognitiva do discernimento de informações quanto a sua relevância, veracidade e contexto. Em uma era de abundância de informação que é propagada em rápida velocidade, o consumo crítico de informação torna-se essencial para compreender eventos e cenários políticos e sociais em rápida mudança (Dalhgren, 2018). Nesse ciclo, o consumo crítico de informação tende a diminuir a aversão ao diferente, uma vez que o preconceito é resulta-

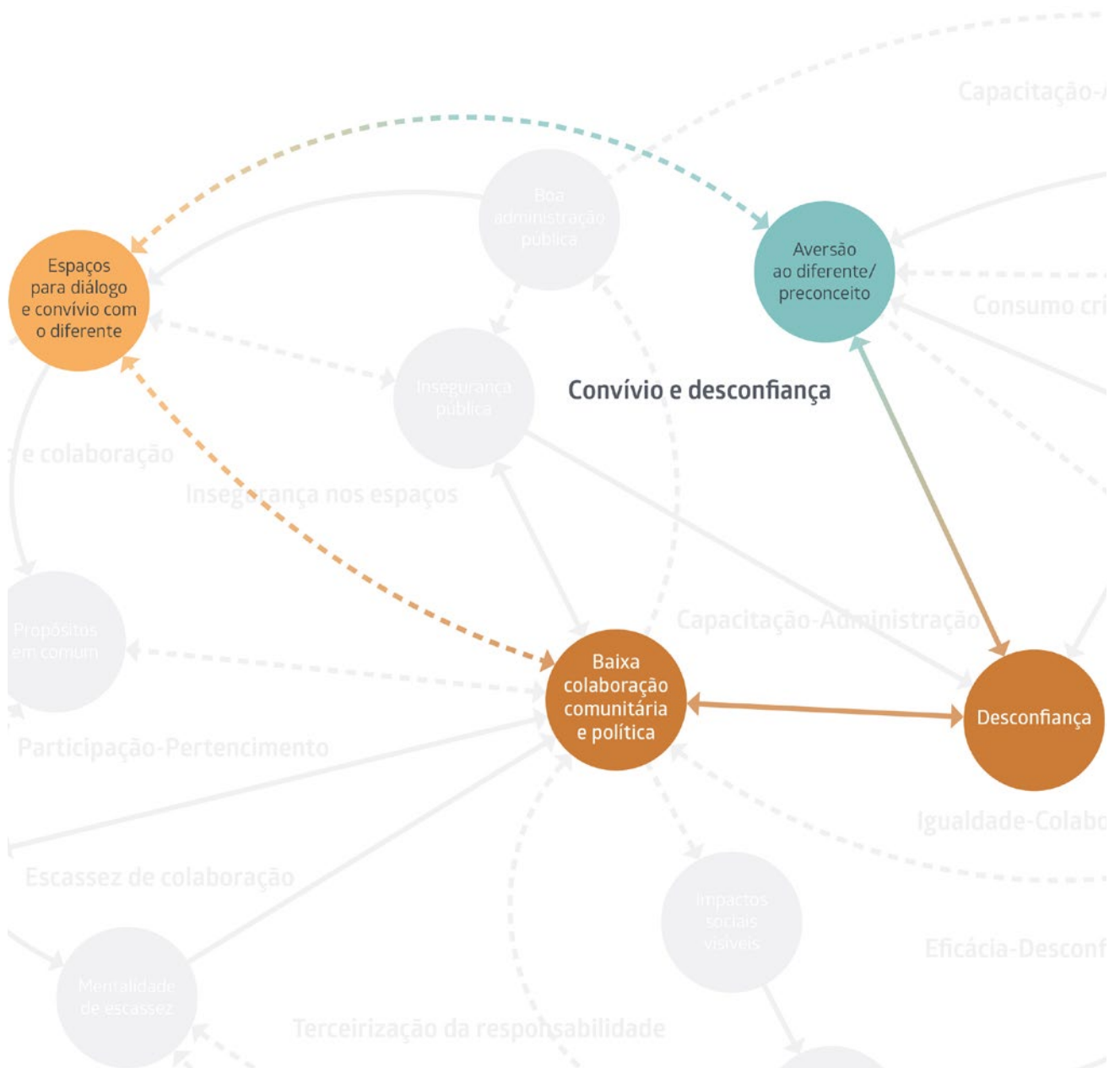
do de conceitos elaborados anteriormente ao conhecimento. Da mesma maneira, a aversão ao diferente enfraquece o consumo crítico de informação, pois, com essa aversão, os fatos passam a ser percebidos a partir de vieses inconscientes. Ao enfraquecer a aversão ao diferente, o consumo crítico de informação permite uma formação mais diversa e de maior acesso a ideias e pessoas diferentes. Essa capacitação cognitiva fortalece o consumo crítico de informação.



Ciclo do Convívio e da Desconfiança

Há uma forte relação entre a desconfiança e o convívio social entre pessoas com diferentes experiências de vida, origens e formações: quanto maior a desconfiança, menores as chances de colaboração entre pessoas da mesma comu-

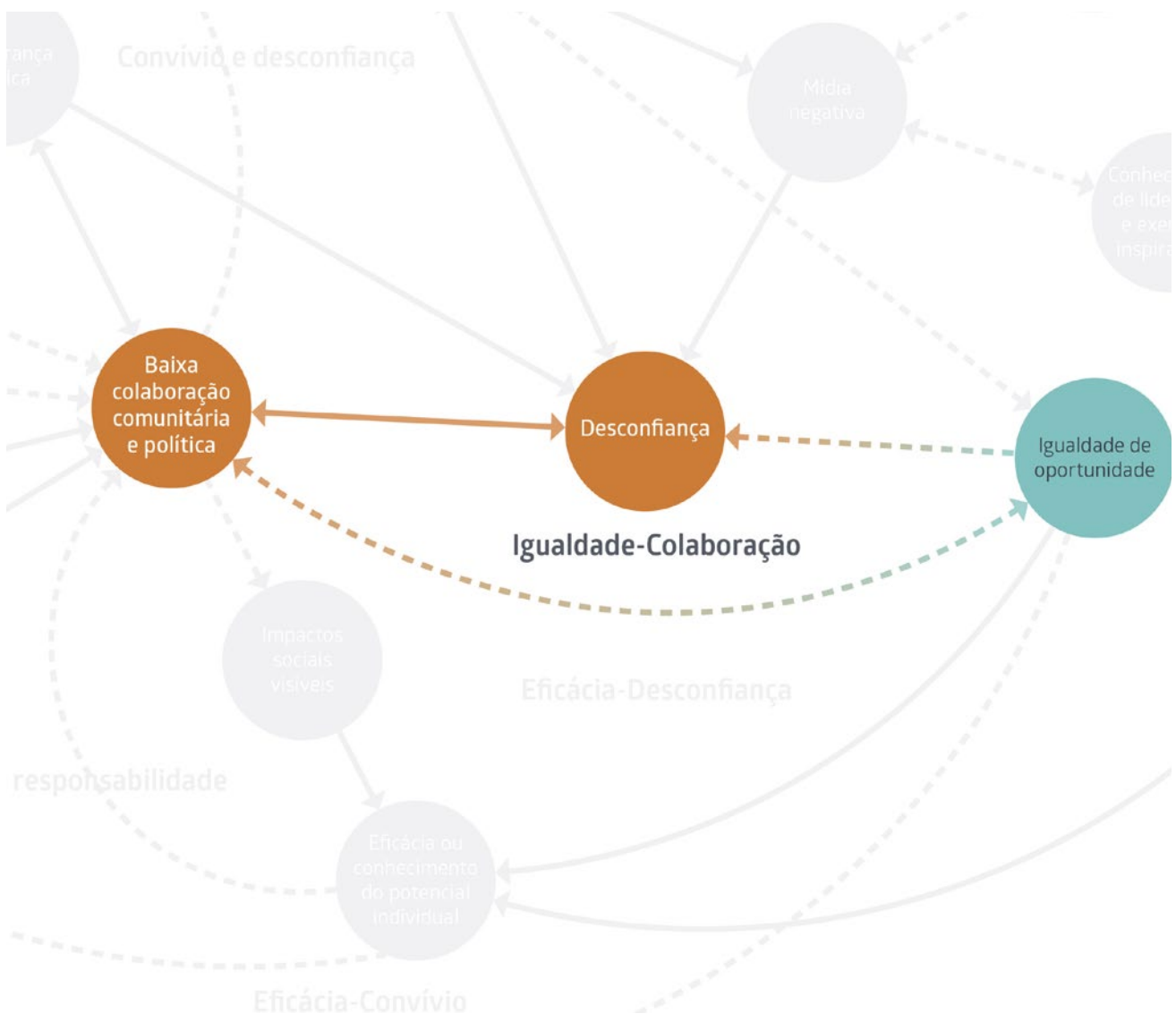
nidade, o que diminui a ocupação de espaços para essa forma de convívio. Assim, a aversão às diferenças gera um aumento da desconfiança daqueles que não conhecemos, o que reinicia o ciclo (Allport, 1954; Pettigrew, 1998).



Ciclo da Igualdade e Colaboração

O Ciclo da Igualdade e da Colaboração relaciona a igualdade de oportunidade e a colaboração comunitária. Nele, a igualdade de oportunidade enfraquece a desconfiança interpessoal, pois uma base comum de oportunidades na comunidade aumenta a percepção da igualdade social, e tendemos a desconfiar menos de alguém que enxergamos como nosso igual. Essa diminuição da desconfiança favorece a colaboração comunitária e política, a qual aumenta a sensação de

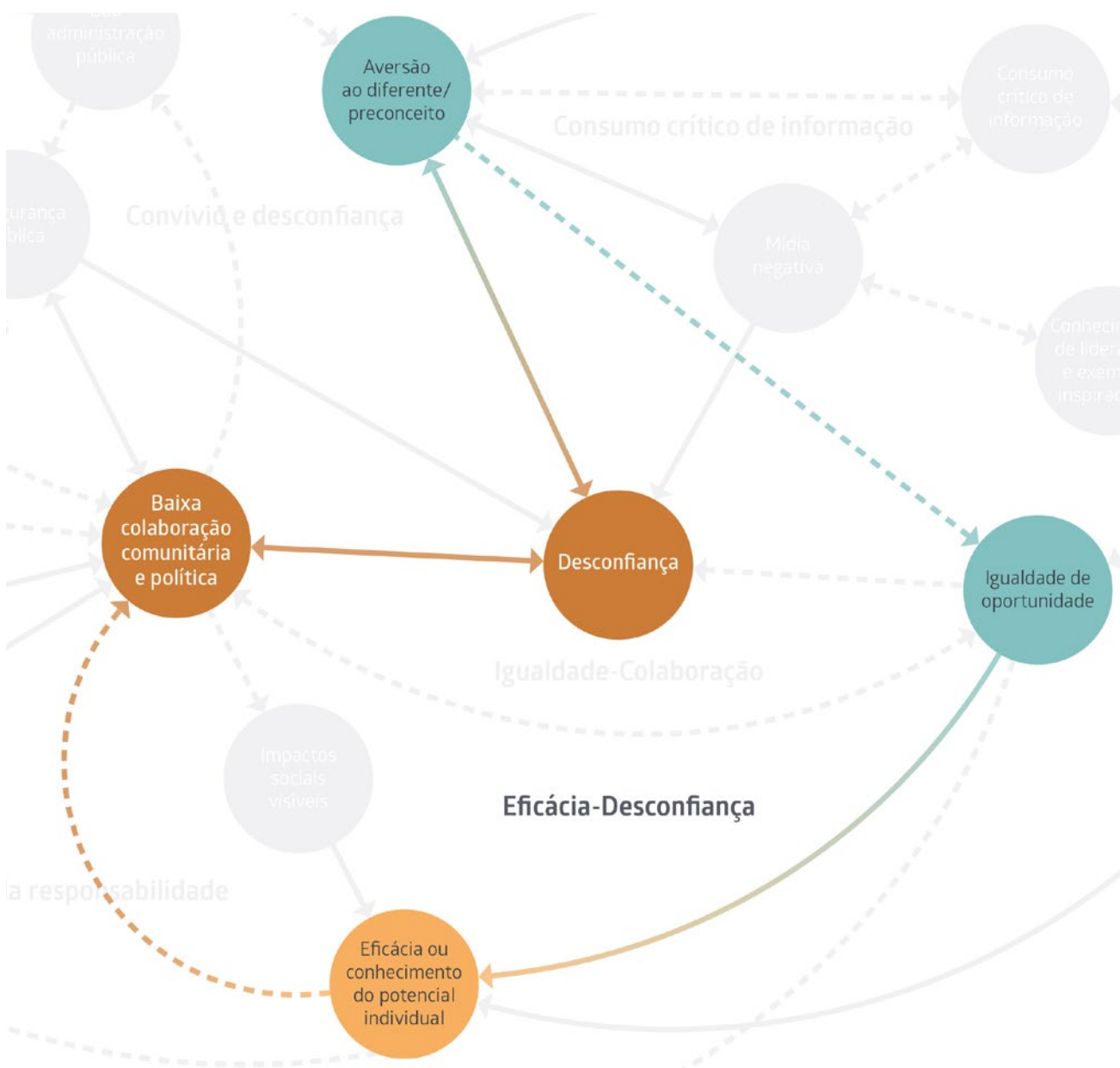
eficácia individual e oferece oportunidades para a participação na vida cívica. Essas oportunidades contribuem para a igualdade de oportunidade entre cidadãos. Por outro lado, a desigualdade de oportunidades alavanca um ciclo no sentido oposto: ela aumenta a desconfiança, diminui os níveis de colaboração comunitária, e, assim, atua no sentido da perpetuação dessas desigualdades.



Ciclo da Eficácia e Desconfiança

Esse ciclo retrata a relação entre a desconfiança e o sentimento de eficácia. Aqui, a desconfiança tende à aversão às diferenças e ao preconceito, o que impede a igualdade de oportunidade: ao enxergarmos o diferente como desigual, ou inferior, estamos inevitavelmente criando contextos para a desigualdade de oportunidade social. Essa

desigualdade tende a diminuir o sentimento de eficácia individual das pessoas que sofrem com o preconceito. Essa baixa eficácia resulta na sensação de impotência perante o sistema político, o que desfavorece a colaboração comunitária e a participação política e, assim, contribui para a manutenção dos baixos níveis de confiança.



Ciclo da Terceirização da Responsabilidade

A tendência brasileira de terceirizar a responsabilidade, bastante citada durante as oficinas do Cidade Modelo, forma um ciclo com a baixa colaboração e a eficácia individual. Nesse ciclo, a baixa colaboração comunitária diminui as oportunidades para a visualização dos impactos sociais dessa colaboração, o que tende a aumentar o sentimento de impotência dos indivíduos sobre suas próprias capacidades e sobre seu papel no contexto do sistema político. Assim, a eficácia individual diminui, o que contribui para

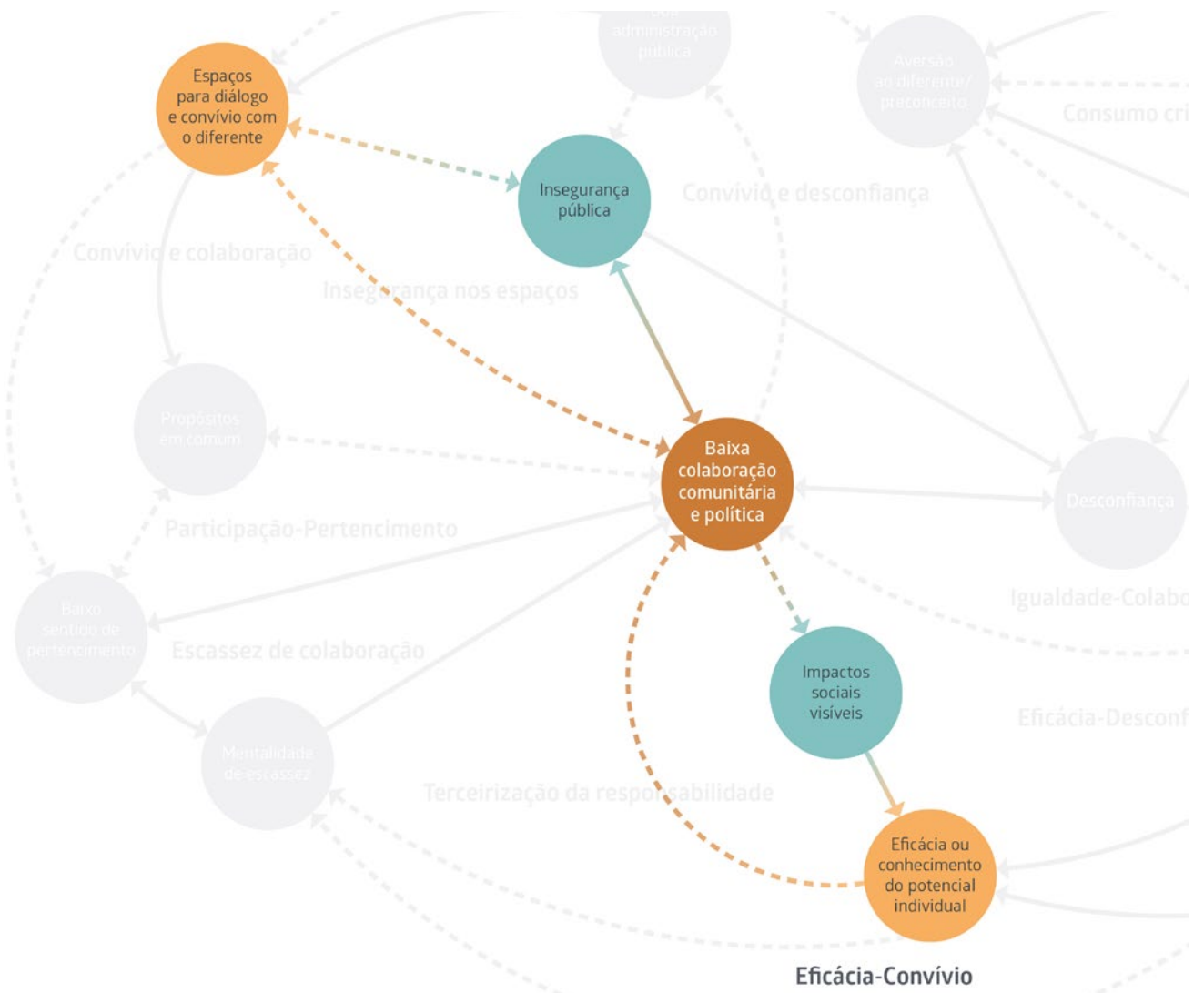
reduzir a colaboração. Há, dessa forma, uma interessante relação entre a responsabilidade e o potencial individual: enxergar-se como responsável significa, ao mesmo tempo, perceber o potencial individual para afetar o mundo externo. A percepção de impotência perante a sociedade contribui para a tendência de terceirizar responsabilidade para outros. Como foi citado durante as oficinas, "se eu limito minha responsabilidade, eu limito também o meu potencial".



Ciclo da Eficácia e do Convívio

Esse ciclo demonstra como o convívio social com o diferente favorece o sentimento de eficácia individual. Durante as oficinas, afirmou-se que a utilização de espaços para o diálogo e convívio com o diferente favorece a colaboração comunitária e política, o que torna os impactos sociais dessa colaboração visíveis para a sociedade. Com essa visibilidade, fortalece-se o sentimento de eficácia política, o qual se relaciona à percepção de que o indivíduo possui o potencial para afetar o sistema político e para realizar seus objetivos. Essa eficá-

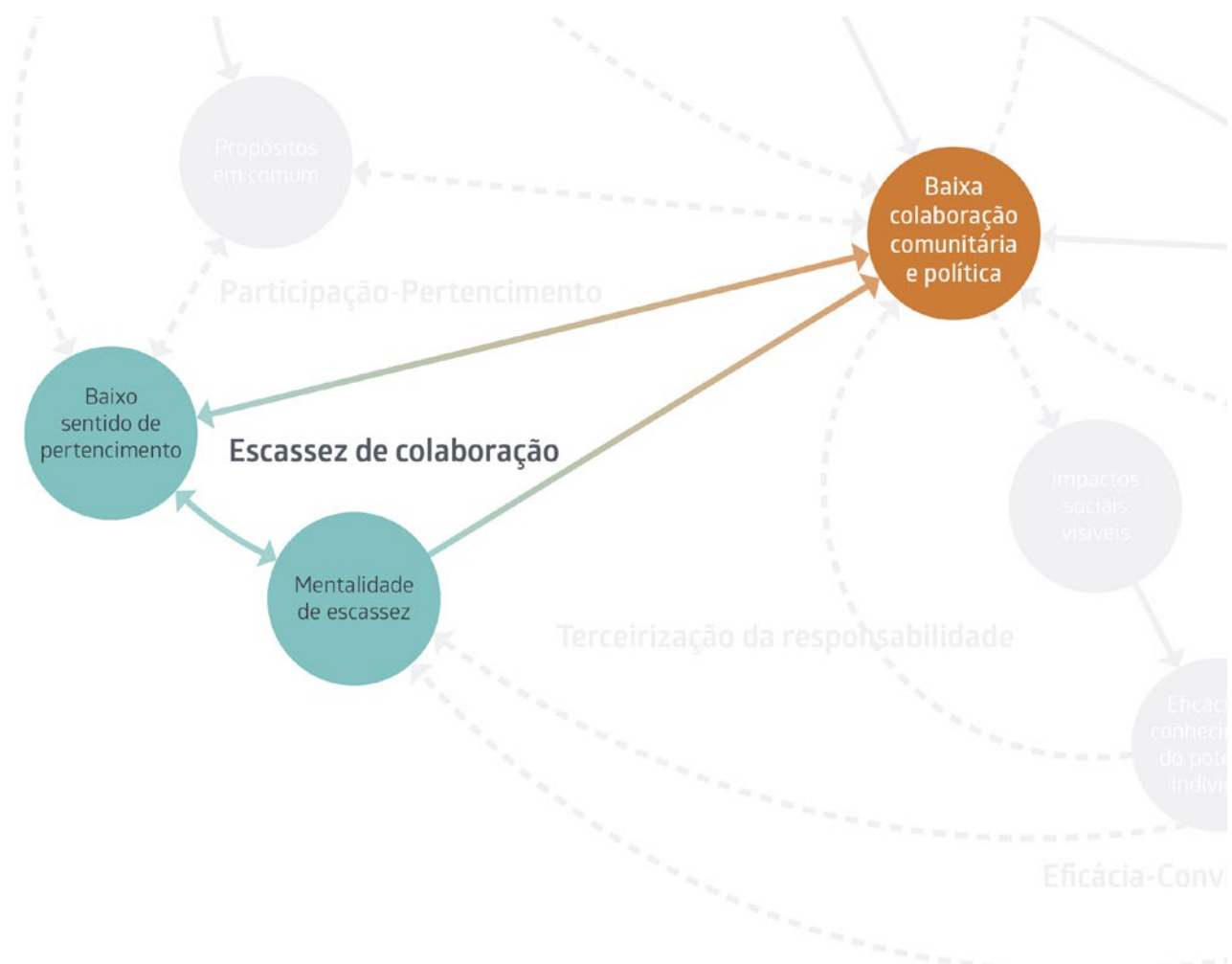
cia favorece cenários de colaboração comunitária, os quais aumentam o uso de espaços para o convívio com o diferente, de forma a fechar o ciclo. Ao mesmo tempo, a utilização desses espaços de convívio pode exercer um papel relevante na redução da insegurança pública, uma vez que a ocupação do espaço o deixa menos vulnerável a violações e ao mal-uso. Com a redução da insegurança pública, aumentam a participação e a tendência a colaborar, o que retroalimenta o ciclo da eficácia e do convívio.



Ciclo da Escassez de Colaboração

Esse ciclo retrata o processo vicioso entre a baixa colaboração comunitária e a mentalidade de escassez, ou a atitude de competitividade e de baixa solidariedade, em decorrência da percepção de que não há possibilidade de se compartilhar bens com outros membros da sociedade. A mentalidade de escassez é o entendimento de que “para alguém ganhar, outra pessoa tem que perder”, e que é do interesse individual ter a vantagem sobre outros, pois quem não está na vantagem está na desvantagem. Essa mentalidade pressupõe que o contexto social é um

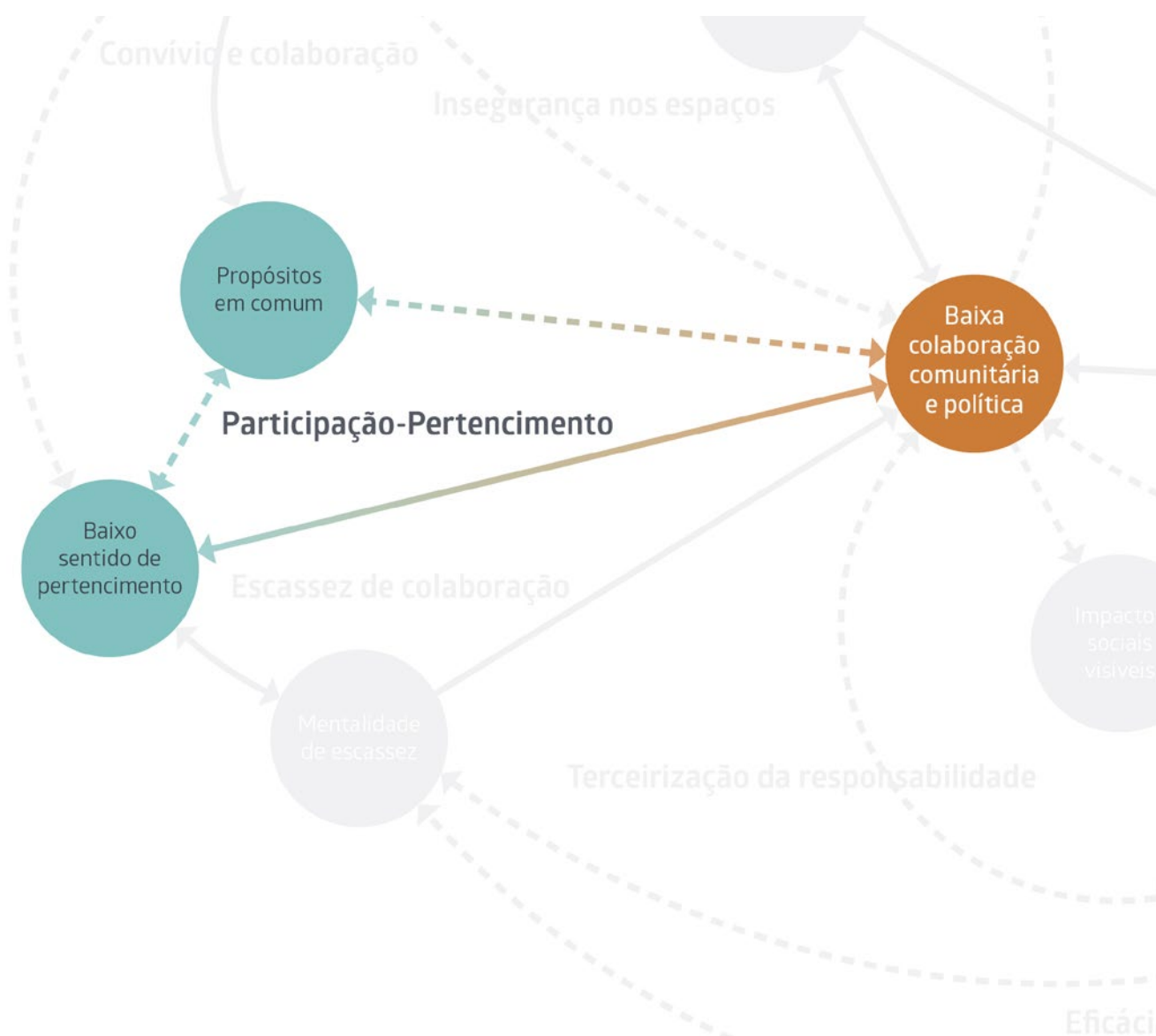
cenário de escassez de recursos, e não de compartilhamento ou de colaboração. Assim, a mentalidade de escassez gera a baixa colaboração comunitária, pois estimula a competitividade e o individualismo. A baixa colaboração alimenta o baixo sentido de pertencimento das pessoas com relação a suas próprias comunidades. Esse baixo sentido de pertencimento gera uma mentalidade de escassez, pois estimula o sentimento de que não há comunidade, mas sim, que vale o ditado do “cada um por si”. Dessa maneira, o ciclo se retroalimenta.



Ciclo da Participação e do Pertencimento

Esse ciclo demonstra que colaboração com a comunidade favorece a percepção de que se faz parte dela, da mesma maneira que esse sentido de pertencimento aumenta a colaboração. A baixa colaboração dificulta a compreensão de que membros da comunidade possuem propósitos em comum. De fato, ao deixarem de colaborar e de conviver socialmente para resolver problemas, as pessoas perdem o entendimento

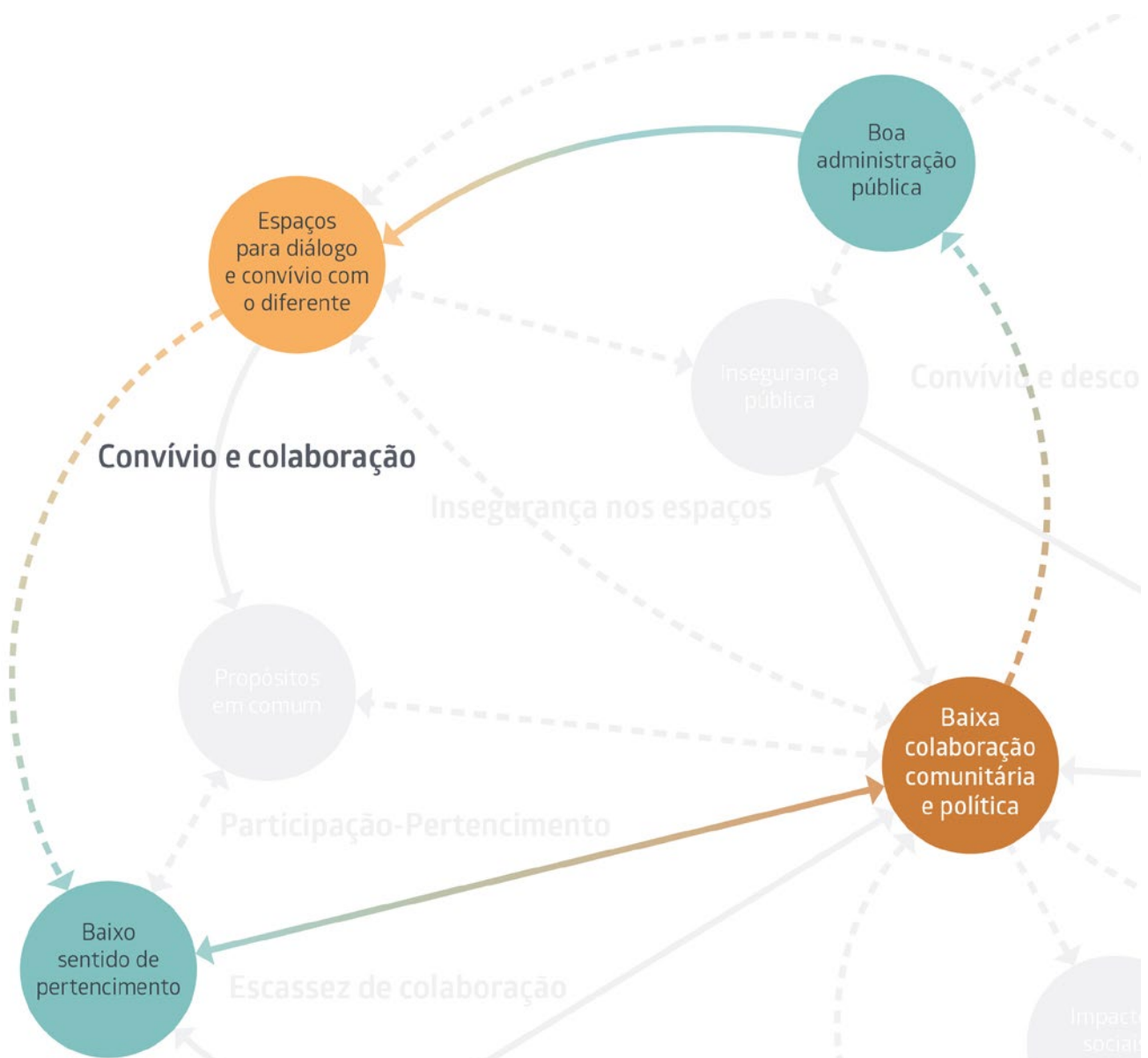
de que os membros da comunidade possuem interesses e objetivos compartilhados. Assim, a erosão ou ausência de propósitos em comum favorece o baixo sentido de pertencimento, uma vez que o pertencimento é justamente produto da compreensão de que o indivíduo compartilha objetivos e propósitos com sua comunidade. Dessa maneira, o ciclo torna-se um processo vicioso.



Ciclo do Convívio e da Colaboração

O Ciclo do Convívio e da Colaboração ocorre quando espaços de convívio com o diferente estimulam o sentimento de pertencimento: ao conviver e dialogar com o diferente, percebe-se que, embora sejam diferentes, os membros da comunidade podem trabalhar por objetivos comuns. Esse sentido de pertencimento, quando acionado, contribui diretamente para a colaboração comunitária e política, por estimular

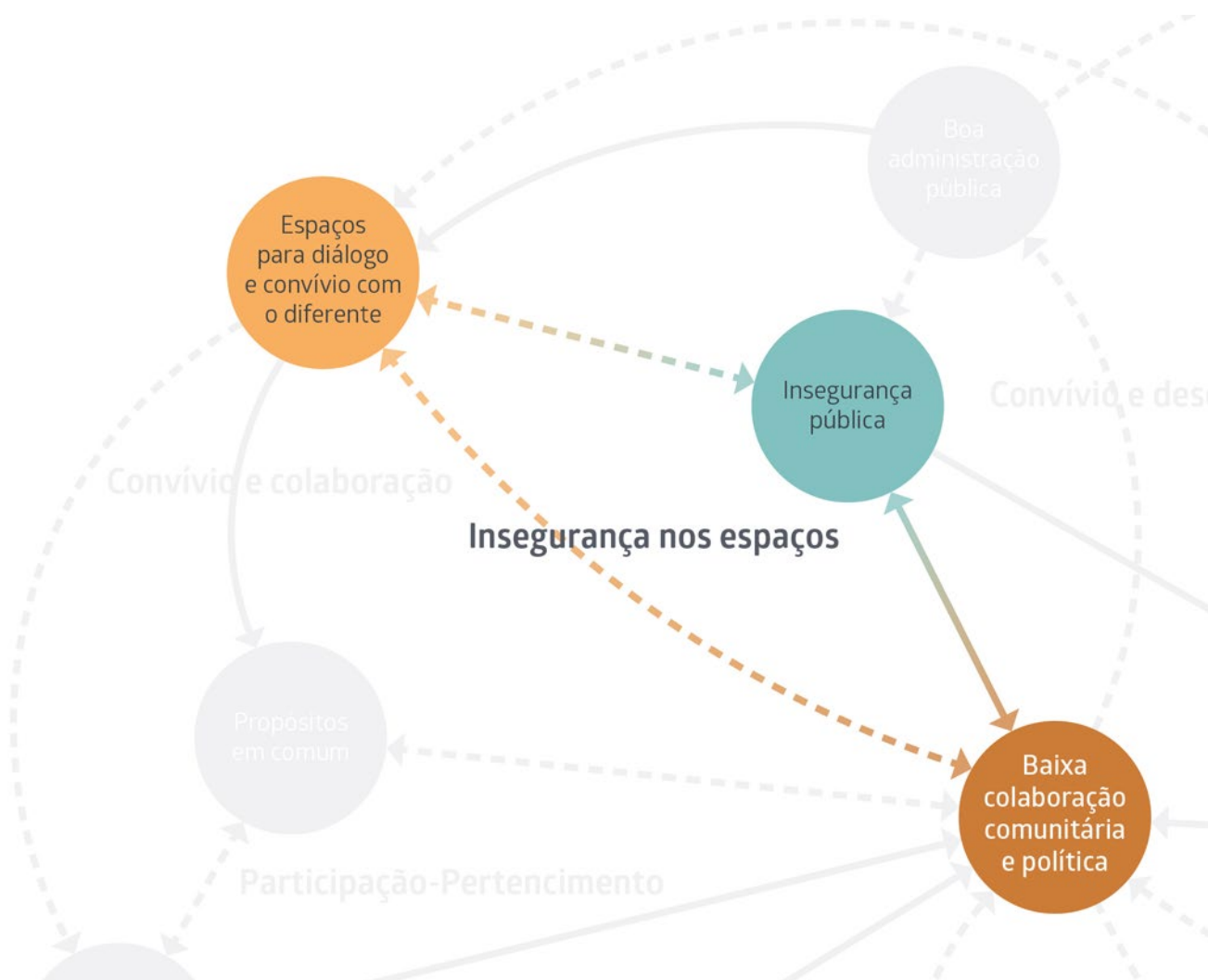
a organização coletiva em prol de propósitos compartilhados. A colaboração comunitária, estimula a boa administração pública, ao pressionar representantes do governo para serem mais eficientes e transparentes. Um dos produtos da boa administração pública é o cuidado e o fornecimento de espaços públicos acessíveis e de qualidade, os quais estimulam o convívio com o diferente.



Ciclo da Insegurança nos Espaços

Como vimos no ciclo acima, espaços públicos de qualidade estimulam o convívio com o diferente. Ao mesmo tempo, no entanto, a insegurança pública impede a convivência nos espaços públicos: por promover o medo e a desconfiança, a insegurança pública impede a congregação de pessoas em espaços públicos de convívio com o diferente: moradores amedrontados tendem a circular apenas em áreas da cidade conhecidas e com pessoas que já conhecem. Esse medo desestimula as pessoas a saírem de seus bairros e de suas zonas de conforto. O resultado desse medo

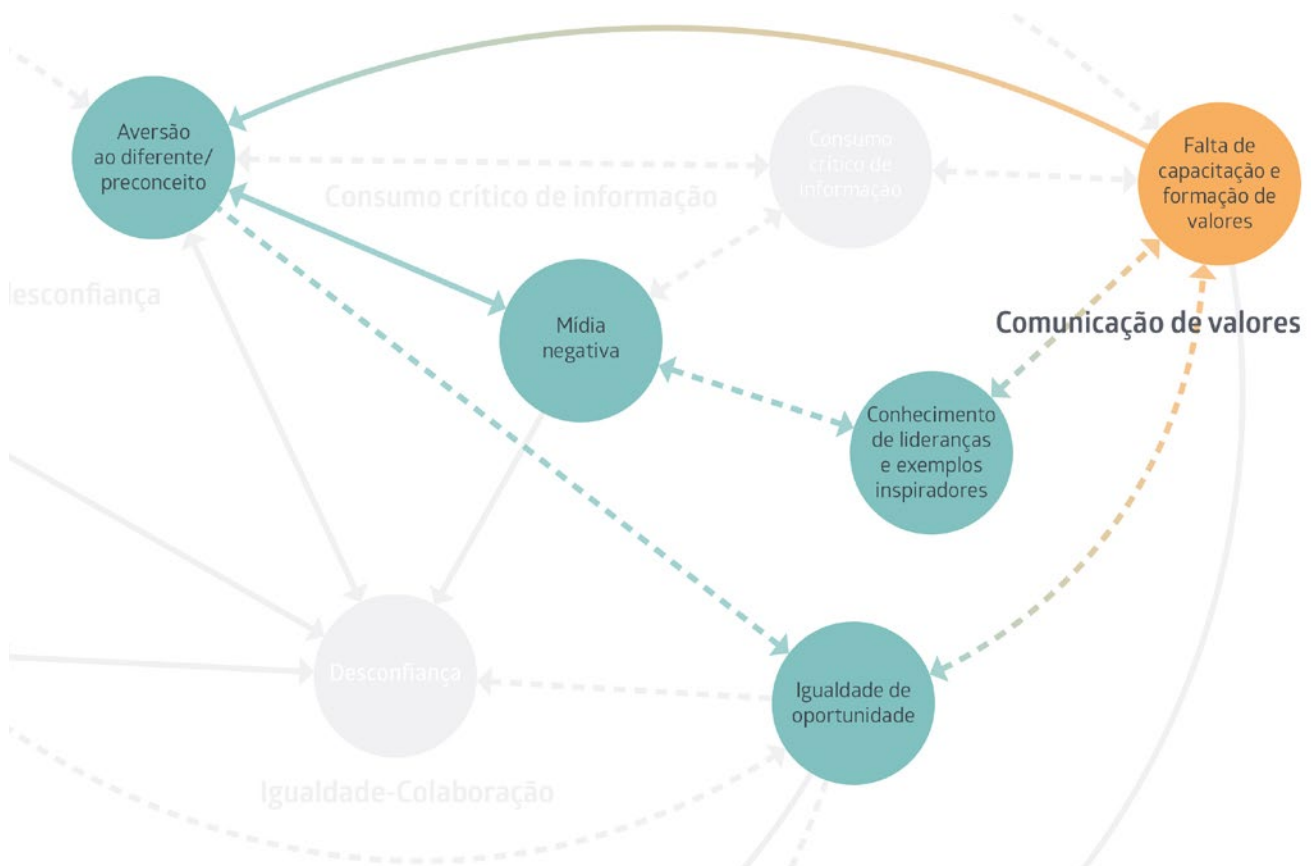
é a diminuição da colaboração comunitária, uma vez que a organização coletiva necessita da interseccionalidade entre moradores de bairros e áreas da cidade diferentes. Ao deixarem de colaborar, residentes contribuem para a insegurança pública de duas principais maneiras: a falta de organização coletiva dificulta a pressão no governo e a fiscalização cidadã para exigir que a administração pública proteja os espaços públicos; ao mesmo tempo, em um contexto de baixa colaboração, reduz-se a ocupação dos espaços públicos, o que amplia sua vulnerabilidade.



Ciclo da Comunicação de Valores

A formação de valores é um processo inerente à capacitação e à educação de cidadãos. Nesse ciclo, valores são comunicados por lideranças e por exemplos inspiradores. A falta de capacitação e de formação de valores reduz o número e o impacto de lideranças, o que gera menos exemplos de protagonismo social na sociedade. Com menos exemplos e lideranças, a mídia adquire um tom mais negativo, por não ter conhecimento de histórias inspiradoras para reportar. A mídia negativa contribui para um clima de medo, desesperança e insegurança que alimenta a aversão ao diferente: ao sentirmos inseguros, buscamos nossas zonas de conforto, e, assim, torna-se mais difícil quebrar preconceitos e estereótipos negativos sobre o diferente. O preconceito colore nosso consumo

de informação com vieses cognitivos, o que impede o consumo crítico de informação. Em decorrência disso, a formação de valores torna-se debilitada. Percebe-se que esse ciclo tem duplo sentido: por outro lado, a falta de capacitação valorativa aumenta a aversão ao diferente, o que tende a alimentar orientações afetivas como o medo e a insegurança. Essas orientações incentivam uma cobertura midiática negativa, que passa a se focar mais em exemplos negativos do que em lideranças positivas. O resultado é que, na ausência do conhecimento de exemplos inspiradores, valores de cidadãos irão refletir aquilo que observam, como aponta a teoria do Aprendizado Social (Bandura, 1977). Assim, é reforçada a falta de capacitação e de formação de valores.



Fontes

Allport, Gordon W. 1954. *The Nature of Prejudice*. Reading, MA: Addison- Wesley.

Bandura, A. (1994). Self-efficacy. In V. S. Ramachaudran (Ed.), *Encyclopedia of human behavior* (Vol. 4, pp. 71-81). New York: Academic Press.

Dahlgren, Peter. 2018. *Media, Knowledge and Trust: The Deepening Epistemic Crisis of Democracy*, *Javnost - The Public*, 25:1-2, 20-27.

Delhey, J.; Welzel, C. *Generalizing Trust: How Outgroup-Trust Grows Beyond Ingroup-Trust*. *SSRN Electronic Journal Volume 5* (3):46-69. October 2012.

Delli Carpini, Michael X.; Keeter, Scott. *What Americans Know about Politics and Why It Matters*. Yale University Press, 1996.

Galston, W. *Political Knowledge, Political Engagement, and Civic Education*. *Annual Review of Political Science* 2001 4:1, 217-234

Olstrom, Elinor; Ahn, T. K., *The Meaning of Social Capital and its Link to Collective Action* (October, 2007). In *Handbook of Social Capital*. Gert T. Svendsen and Gunnar L.

Pateman, Carole. *Participation and Democratic Theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 1970.

Pettigrew, T. F. 1998. *Intergroup contact theory*. *Annual Review of Psychology* 49(1): 65– 85.

Putnam, R. D. 1993. *Making Democracy Work: Civic Traditions in Modern Italy*. Princeton, NJ: Princeton University Press.

Uslaner, M. E. 2008. *The foundations of trust: Macro and micro*. *Cambridge Journal of Economics* 32: 289-294.

*Esse é o propósito do **Programa Cidade Modelo**: unir diferentes perspectivas em torno da questão da cultura democrática para encontrar as causas-raízes e os caminhos para o desenvolvimento social.*

De Curitiba para o mundo, buscamos propiciar um terreno fértil para o florescimento de nossa vida comunitária, de maneira que seja honesta, solidária e orientada à democracia.



Apoio



Mais informações:

cidademodelo@atuacao.org.br
+55 (41) 3206-8582

www.cidademodelo.org.br